

Revista

ECOTEOLOGIA

Novembro de 2023 | 4ª edição



Ecoteologia Amazônica: ecos da esperança



Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil

Brasília-DF, novembro de 2023

4º Edição

Publicação Digital Anual

Presidente da REPAM-Brasil: Dom Evaristo Pascoal Spengler

Vice-Presidente: Dom Pedro Brito Guimarães

Secretário: Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Secretaria Executiva: Irmã Maria Irene Lopes dos Santos

Ecônomo: Mons Nereudo Henrique Freire

Comitê Científico

Ari Antônio dos Reis

Daniel Seidel

Dário Giuliano Bossi

Felício Pontes

Ima Vieira

Márcia Maria de Oliveira

Ricardo Castro

Roberto Malvezzi

Moema Maria Marques

Convidados

Afonso Murad

Agnaldo dos Santos

Antônia Roseleide Dantas

Cosmo da Costa Cavalcante

Benedito Alcântara

Ednalva Maria de Melo Silva

Elisângela Maciel

George Alexandre Barbosa de Vasconcelos

Iraildes Caldas Torres

João de Deus Silva do Nascimento

Joaquim Hudson de Souza Ribeiro

Juan Carlos Castillo Castillo

Juarez Tavares de Vasconcelos

Justino Sarmento Rezende

Lidiane Barbosa Tavares

Maria do Rosário Muniz Normando

Maria Roseane Gonçalves de Menezes

Sueli Silva de Moraes

Elaboração da Revista:

Dorismere Almeida de Vasconcelos

Ir. Maria Irene Lopes dos Santos

Pe. Hudson Ribeiro

Pe. Ricardo Castro

Prof.ª Drª Elisângela Marciel

Ir Afonso Murad

Ana Caroline Lira.

Revisão: Elisangela Dias

Diagramação: Raul Benevides

Idioma: Português Brasil



Contato:

www.repam.org.br

repambrasil@repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

(61) 3447-4117 ou (61) 98595-5278

ÍNDICE

EDITORIAL

- 4** Encontro de Ecoteologia

ARTIGOS

- 6** **A Ecopolítica** no contexto da Amazônia
- 13** **Nós e as árvores:** uma ecoespiritualidade amazônica
- 22** **O Documento de Santarém** e os sonhos do Papa Francisco
- 31** **Educação Ecológica:** os desafios atuais da ecoteologia
- 36** **Fome na Amazônia** e os impactos ambientais
- 42** **Ética da responsabilidade** e ecologia integral



Elisângela Maciel

Dra. em História da Igreja na Amazônia
Manaus, 30 de outubro de 2023.

Encontro de Ecoteologia

Esta edição da Revista Ecoteologia é fruto do IV Encontro de Ecoteologia, que nesta versão, pela primeira vez, Manaus foi o cenário, como forma de aprofundamento e consolidação dos debates ocorridos nos encontros anteriores. Realizar o IV Encontro no coração da Amazônia, deu um tom diferente, por proporcionar um contato direto com múltiplas realidades que compõem o Regional Norte 1 da CNBB. O Encontro teve como tema “Ecoteologia Amazônica: Ecos da Esperança”, sendo realizado em consonância com a I Semana Teológica e Filosófica da Faculdade Católica do Amazonas, de 13 a 15 de setembro de 2023, com o objetivo de refletir, a partir de uma perspectiva Ecoteológica, sobre as estratégias e contribuições da Teologia, convidando a Filosofia para somar nessa luta, para a superação das múltiplas violências, conflitos e disputas que ameaçam a Amazônia e reanimar as resistências pautadas na esperança evangélica. A Arquidiocese de Manaus acolheu o IV Encontro de Ecoteologia, que contou com representantes da Prelazia e Dioceses do Regional CNBB Norte 1, e foi construído em parceria com a Rede Eclesial Pan-Amazônia [REPAM-Brasil] e a Faculdade Católica do Amazonas.

Compondo esta edição encontram-se sete artigos, que nos fornecem um apanhado de debates e apresentam aspectos da caminhada da Igreja na construção de uma maturidade ecoteológica, à luz da perspectiva da Ecologia Integral, ao mesmo tempo que apresentam uma síntese das questões debatidas com intensidade neste IV Encontro de Ecoteologia. A antropóloga, Dra. Iraíldes Caldas Torres, apresenta-nos um artigo sobre A Ecopolítica no contexto da Amazônia, que traz dados sobre a problemática ambiental em contexto de COP 28, reposicionando a política e buscando possibilitar novas estratégias de enfrentamento. O teólogo e ambientalista, Afonso Murad, e o educador ambiental, Benedito Alcântara, trazem o artigo nós e as Árvores: uma ecoespiritualidade amazônica, tecendo comparação entre os traços da ecoespiritualidade ao bioma amazônico, en-

fatizando sua profunda interligação. O psicólogo Joaquim Hudson de Souza Ribeiro, em conjunto com os acadêmicos de Teologia, Joao do Nascimento e Juan Castillo, nos oferecem dois textos, o primeiro intitulado A Carta da Terra e a Doutrina Social da Igreja: contribuições ecoteológicas para a superação da crise socioambiental, que traz à baila a reflexão e a promoção de um rico debate entre a Doutrina Social da Igreja, a Ecoteologia e a Carta da Terra, e o segundo intitulado O Documento de Santarém e os Sonhos do Papa Francisco, conecta-nos com a busca da Igreja por uma evangelização libertadora e a encarnação na realidade amazônica, busca que se entrelaça aos sonhos da Papa Francisco para a Amazônia. O teólogo Ricardo Gonçalves Castro, com um grupo de orientandos, apresenta o artigo Educação Ecológica: os desafios atuais da Ecoteologia, assim em conjunto com Antônia Dantas, Cosmo Cavalcante, Ednalva Silva, Maria do Rosário Normando e Sueli de Moraes, debruçou-se sobre a Ecoteologia e as questões da sustentabilidade. O artigo Fome na Amazônia e os impactos ambientais, tem o caráter interdisciplinar, sendo o tema escriturado pelo teólogo George Alexandre Barbosa de Vasconcelos, a filósofa Maria Roseane Gonçalves de Menezes, o psicólogo Joaquim Hudson de Souza Ribeiro e os acadêmicos de Teologia Agnaldo dos Santos, Lidiane Tavares e Juarez Tavares, enfatizando a questão da insegurança alimentar e os impactos ambientais na Amazônia. Outro artigo traz o tema Ética da Responsabilidade e Ecologia

Integral: um diálogo entre Hans Jonas e a Encíclica Laudato Si frente às questões ambientais da Amazônia, onde mais uma vez estão presentes Joaquim Hudson Ribeiro e Ricardo Castro, em parceria com o acadêmico João do Nascimento, os quais fornecem a reflexão sobre a atual crise ambiental, utilizando o conceito de Ética da Responsabilidade de Hans Jonas e a Ecologia Integral da Laudato Si, de Papa Francisco. No último artigo, intitulado Ecoteologia Profunda Amazônica, também de autoria de Ricardo Castro, somos instigados a pensar na íntima relação da Ecoteologia com a Ecologia, e entender e se posicionar sobre a crise ecológica enfrentada pela Amazônia.

Eis o IV Encontro de Ecoteologia materializado nesta edição da Revista Ecoteologia, que pretende aproximar cada leitora, cada leitor um pouco mais da realidade amazônica, sob o aparato da Ecoteologia, como resposta às questões apresentadas pela Encíclica Laudato Si e exortação apostólica Querida Amazônia, onde o Papa Francisco nos convoca a aprofundar reflexões sobre a beleza da Criação expressa e sentida de forma profunda nesta vasta e impressionante região. Mas esta também é uma convocação para prontidão e vigilância como discípulas e discípulos missionários em defesa da vida na Amazônia, em suas múltiplas dimensões. Que as sementes lançadas durante este IV Encontro de Ecoteologia despertem mais consciência sobre as problemáticas que envolvem a Amazônia, impulsionando as lutas em prol de sua proteção, e suscite mais o sentimento de pertencimento e de empatia, nos tornando ecos de esperança.

A Ecopolítica no contexto da Amazônia



Iraildes Caldas Torres¹

RESUMO

Este texto apresenta o conteúdo de uma palestra proferida no IV Encontro de Ecoteologia e I semana Teológica e Filosófica da Faculdade Católica do Amazonas. Busca-se discutir a problemática ambiental no contexto da COP 28, a partir da visão da Ecopolítica; assinalar as

contribuições da Ecopolítica para a produção de consensos no que diz respeito à questão do aquecimento global e seus desdobramentos com a crise climática, para apontar estratégias de resolução deste problema. Trata-se de um cotejamento de dados teóricos com reflexões interdisciplinares, envolvendo também o aspecto da sustentabilidade. Supõe, por fim, estabelecer um debate para além das bases ecológicas propriamente ditas, e, assim, reposicionar a política no âmago destas discussões.

¹ Doutora em Antropologia Social e Professora titular da Universidade Federal do Amazonas.

Palavras-chave: Amazônia. Crise ambiental. Ecopolítica.



INTRODUÇÃO

O propósito destas discussões é apontar as contribuições da Ecopolítica para pensar saídas efetivas à questão ambiental. A Ecopolítica é uma perspectiva de conhecimento que busca pensar as relações políticas do homem/mulher com o ambiente natural, visando construir horizontes de saídas para a crise ambiental.

Um desses horizontes é a busca de consensos entre os países, em um debate que envolve a ciência, o Estado, o grande capital, a cidadania e as sociedades em torno da vida do planeta. O debate da Ecopolítica deve ser entendido como um mediador para as tomadas de decisões, mas este debate não deve requerer para si o domínio da verdade no campo da ciência, pois não contribuiria para o avanço das relações de consensos no contexto da crise ambiental.

Este texto encontra-se dividido em duas partes didaticamente articuladas. A primeira parte traz a reflexão da Ecopolítica como um campo de estudo emergente no âmbito da Ciência Política, balizador das relações políticas e mediadora do debate internacional em torno da questão ambiental.

Na segunda parte, apresento o tema da sustentabilidade articulada com a política pública. É no conjunto das relações do Estado com a sociedade e as forças do capital que se constrói o tecido sociopolítico da proteção ambiental. A relevância destas discussões é premente em um momento em que a Amazônia pede socorro do mundo, frente à violência ambiental.

Este é um debate oportuno e necessário sobre os rumos da Amazônia, que é parte constitutiva da crise ambiental da atualidade. A Ecopolítica não vai resolver os problemas ambientais, mas está aberta para discuti-los do ponto de vista da política, apontando possíveis soluções e reflexões que deem resposta à esta problemática.

1 ECOPOLÍTICA: MEDIAÇÃO E NEGOCIAÇÃO DA CRISE CLIMÁTICA

A relação do/da homem/mulher com a Amazônia se dá para além da dicotomia natureza e cultura. Na Amazônia profunda, os povos tradicionais possuem uma relação de afetividade com os elementos terra/água/floresta, uma cultura ancestral que assinala a vida destes povos até os dias atuais. A harmonia entre os humanos e a natureza começa a ruir com o advento do capitalismo, como aponta Batista [1976].

Torna-se difícil separar o/a homem/mulher, a natureza e a sociedade, posto que inexistente o sujeito ou o indivíduo amazônico em si mesmo, como também parece inexato conceber a floresta e as culturas locais dissociadas das práticas sociais que engendram os estilos de vida na região. Há uma relação simbiótica entre natureza e cultura, intrínseca, uma não vive sem a outra. A política, por exemplo, é uma ação humana que se entrelaça à natureza, para pensar as saídas protecionistas aos biomas e ecossistemas que, ao fim e ao cabo, é para proteger as pessoas e a vida do planeta em geral.

A Ecopolítica desponta nos dias atuais como



um campo de estudo dentro das Ciências Sociais, com grande potencial de análise política dos conflitos e das questões ambientais de modo geral. Trata-se de um campo de estudo emergente que se assenta em um “realismo que não precisa de armas, mas de argumentos e de capacidade, para promover alianças [...] e para impor sua premissa básica: a consignação dos interesses nacionais” (Ribeiro, 2005, p. 49).

Neste sentido, a Ecopolítica se ocupa das relações políticas, seu objeto não é o meio ambiente e sim as relações políticas sobre o meio ambiente.

Não é a Ecologia que tem como objeto de estudo o meio ambiente.

Ela realiza o exame das ações humanas situadas no campo da práxis, as transformações que são processadas advindas de ações políticas. Ou seja, estamos falando do pensar político, das grandes ideias que redundam em ações praxiológicas revolucionárias, transformadoras, inaugurais, que contém capacidade efetiva de mudar os rumos de uma situação ecológica, ambiental, planetária.

A política está circunscrita a um conjunto de ações humanas que exige racionalidade e bom senso, para lidar com situações difíceis, ambíguas, contraditórias, propensas a suscetibilidades e melindres de interesses divergentes. Este campo de conhecimento está asso-

ciado a “la aparición de la consciencia ecológica como el signo más característico de los nuevos tempos. La gran novedad histórica de este fin de siglo es la aparición de la consciencia ecológica” (González, 2010, p. 98).

As relações internacionais e as legislações ordenadoras de condições de preservação do meio ambiente, para frear poluição, desmatamento, aquecimento climático, fauna, flora, enfim, acordos em defesa da natureza, não resolveram a crise ambiental. Não passam de discursos

e boas intenções. A Ecopolítica se propõe a abordar estas questões de forma mais concreta, efetiva, buscando fazer mediações entre as relações de poder, para repositonar os países na resolução da crise.

As mudanças climáticas e as questões ambientais em geral constituem um problema essencialmente político. Le Prestre (2000) aponta

quatro argumentos no contexto das negociações climáticas que se constituem em um problema ecopolítico, a saber:

As questões climáticas e as questões ambientais não se resumem apenas à ciência, e nem apenas a interesse estatal. São as duas coisas ao mesmo tempo. A ciência não deve ditar as escolhas políticas, pois, ignorar a dimensão do interesse estatal pode dificultar o consenso. Não se pode ignorar que as mudanças climáticas implicam benefícios e custos para o Estado.



A relação do/da homem/mulher com a Amazônia se dá para além da dicotomia natureza e cultura.



Para enfrentar essas questões é preciso buscar saídas organizadas. O comprometimento dos países é fundamental para alcançar a vitória, um comprometimento global amplo. Isso só pode ser atingido se as partes envolvidas se sentirem satisfeitas com a solução proposta. É preciso buscar uma solução que se aproxime o máximo possível do consenso. A ciência pode encontrar uma situação ideal, mas se os Estados Nacionais não aceitarem, não convém. Uma solução menos perfeita tem mais chance de se concretizar.

É preciso levar em conta que a maior parte dos Estados Nacionais não dispõem de uma infraestrutura econômica e institucional eficiente para lidar com o desafio climático. Então, não adianta encontrar uma solução perfeita, ideal, mas que não é aceita pelos países. Não adianta encontrar uma solução política consensual que não seja executável.

É necessário levar em conta os efeitos dos problemas e das soluções climáticas e ambientais sobre outras esferas como o desenvolvimento, a equidade econômica e social. Levar em conta os direitos dos estados e dos indivíduos.

Essas questões são por excelência objeto da Ecopolítica. Trata-se de negociações que não tratam apenas de questões técnicas como Biologia, Química ou Meteorologia. Elas envolvem a acomodação de forças políticas. E, como toda política, a Ecopolítica é uma “arte do possível” [Le Prestre, 2000].

O poder é da ordem da vida, diz Foucault [1993]. A sociedade, enquanto locus da prática política e das relações que se travam no coti-

diano de homens e mulheres, é o espaço privilegiado para o exercício do poder. A esfera pública é o lugar da grande política enquanto ação permanente que dá origem às organizações, ao comportamento das pessoas e a todos os clichês e cânones de convivência. A sociedade deve ser entendida como o espaço onde o humano se produz e se reproduz. Conforme Torres [2001, p. 78], “é o espaço da extensão do conflito, das contendas interpessoais e coletivas, das sangrias desatadas, em que os antagonismos e as forças políticas em presença tornam este espaço um palco de luta”.

As relações de poder se constituem no elemento intrínseco da política, e os governantes encontram na política os sentidos para o exercício do próprio poder. Agem politicamente para governar e para se manterem no poder, como anuiu Maquiavel [1987]. A política, enquanto força motriz que move os seres humanos em sua sociabilidade, não pode ser compreendida em uma harmonia, e sim, na extensão dos conflitos e dos paradoxos.

A Ecopolítica, enquanto o estudo dessas relações conflituosas e paradoxais no contexto da crise climática e ambiental, age fazendo mediação. Ao pretender que ocorram mudanças e desejar que se promova a justiça ambiental, é preciso que a Ecopolítica encontre saídas estratégicas razoáveis que possam ser aceitas pelos países. Deve antever medidas possíveis de serem aplicadas efetivamente, encontrando pontos de equilíbrio, entre as relações de poder. Só assim poderemos avançar e sair da discursividade das relações de poder internacionais e do proselitismo verde das organizações não governamentais.



2 AS POLÍTICAS E A SUSTENTABILIDADE

É preciso compreender a Amazônia para além do preservacionismo que marcou a política ambientalista dos anos 1990, única e exclusivamente. É importante e urgente compreendermos a questão ambiental da Amazônia como uma questão social e política alarmante, que parece sair do controle dos poderes públicos. De acordo com Torres [2009, p. 346–347]:

Não basta apenas compreendermos a Amazônia em sua importância para a estabilidade termodinâmica, química e climática do planeta. Torna-se urgente colocar em curso a ideia-força do desenvolvimento sustentável, transformando este conceito em ações de políticas públicas e em conduta ética de cuidado com o meio ambiente por parte dos humanos. Abstraídas estas questões, entra-se no vazio alucinado do discurso e da imaginação.

Pensar política pública é pensar em arena política, é pensar em mudança e transformação social. Significa pensar o papel dos pesquisadores e pesquisadoras no desenvolvimento social dos povos, e o lugar dos movimentos sociais dentro do conhecimento. Trata-se de objetivação participante conforme aponta Bourdieu [2012]. As políticas ambientais são deslocadas de um projeto nacional de desenvolvimento sustentável, por isso, tornam-se residuais e descontínuas. O Brasil e suas instituições continuarão com o discurso vazio, se não houver um projeto de desenvolvimento sustentável para a Amazônia, capaz de engendrar políticas de Estado sistemáticas e estruturantes.

O mantra do desenvolvimento sustentado, fundado no tripé economia/ecologia/equidade, que entrou em voga com a Rio 92, não

passou de um discurso de boas intenções. A Rio+20, por seu turno, trouxe a política da economia verde com a financeirização do meio ambiente, mas, foi uma política residual e intermitente que teve vida curta.

Os desequilíbrios socioambientais são consequências de processos sociais bifurcados e pouco adequados, inscritos na matriz homogênea do desenvolvimento econômico, preconizado pelo grande capital com a ação colaboracionista dos Estados Nacionais. A sustentabilidade articulada com os princípios da Ecopolítica poderá servir de balizamento, para instaurar políticas públicas estruturantes, principalmente, por parte dos países em desenvolvimento que têm mais dificuldade em fazer frente aos problemas ambientais.

As relações políticas são percebidas como um ponto de mediação nas relações de poder [Torres, 2002]. A política é puro exercício de medição de ações e atos humanos para a efetivação de escolhas e tomada de decisão. Não raro a política se depara com situações conflituosas e paradoxais, como aludimos anteriormente. É este, pois, o solo no qual se assenta a Ecopolítica, o cenário onde se espraia, para o exame de problemas ambientais.

Mediar as relações de poder, por assim dizer, que personificam os interesses dominantes na constelação amazônica, implica perceber o jogo de articulação existente entre o Estado brasileiro com as forças do grande capital que engendram os grandes projetos amazônicos. As forças políticas da região deixaram de compreender, ou não quiseram compreender, que era preciso renunciar às investidas do capital na região, sua



expansão. A expansão do capital na região com os grandes projetos amazônicos não promoveu o desenvolvimento humano de nossa gente. Ao contrário, contribuíram para a degradação da Amazônia, o aprofundamento das questões ambientais e a ampliação das desigualdades sociais.

O conceito de soberania passou a ser polisêmico no âmbito dos discursos em torno da Amazônia. Esse conceito, como aponta Ribeiro [2005], transita de soberania difusa, no que diz respeito à política dos ambientalistas e de setores do capital privado.

Guardadas as especificidades e bravura das lutas sociais e das experiências revolucionárias que tivemos em defesa da Amazônia, como aquelas protagonizadas por Chico Mendes, podemos dizer que esta região sempre foi órfã de Estado Protecionista. Do lado dos movimentos sociais pode-se dizer que não havia condições propícias para a ação revolucionária mais ampla, grande era o controle externo sobre o país e o continente. Chico Mendes foi executado em razão de sua coragem e ousadia. Cabe, então, neste tempo contemporâneo, que a Ecopolítica compareça neste cenário com novas estratégias de atuação junto à crise ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia possui um valor inestimável como fator de equilíbrio ecológico e biológico do planeta. Há, nesta região, um mosaico multifacetado de classes de solo, diversificado relevo, variação climática que vai do úmido ao semiárido, grandes e distintos ecossistemas, formas diversificadas de uso do solo e da terra que é vida, natureza e espaço onde habitam os espíritos e as ancestralidades.

O Brasil ocupa uma posição de destaque nas questões ambientais, principalmente porque abriga 60% da floresta amazônica, considerada grande reserva de biodiversidade da terra. Some-se a isto o fato de que os rios da Amazônia representam o maior reservatório de água doce potencialmente capaz de abastecer o planeta.

Essas constatações se transformaram em um senso comum erudito que tomou forma no imaginário social, levando povos, instituições, organismos internacionais e governantes a voltarem seus olhares para a região com certa preocupação. Esta preocupação, com efeito, não se traduziu em atos e atitudes efetivas para o enfrentamento dos problemas ambientais. A ciência tem feito análises, diagnósticos e prognósticos, apontando a gravidade da crise; os acordos de cúpula têm sido realizados, inclusive sediados no Brasil como a Eco-92, Rio+20 e, mais recentemente, a pré-cúpula [COP] realizada em Belém, no Pará. Medidas são tomadas, compromissos são firmados, mas permanecem na letra, no papel, pouca coisa é feita.

Toda a sociedade, os veículos midiáticos, especialmente a grande mídia televisiva, e a sociedade civil em geral, devem engajar-se nesse empreendimento de manter a floresta em pé e salvar os rios. A floresta amazônica está agonizando, está pedindo socorro e não vemos ninguém fazendo plantio de árvores, salvo raríssimas exceções.

A Ecopolítica não se apresenta neste cenário como a “salvadora da lavoura”, mas pode sim trazer contribuições ao debate que sejam exequíveis. Precisa apresentar estudos que apresentem estratégias negociadas com ênfase na busca de consensos,



para, em curto tempo, conter o avanço da crise climática e ambiental. Talvez, ainda não seja tarde demais para entoar canções de um novo tempo e que as futuras gerações possam usufruir dos bons frutos dessas iniciativas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** 9 ed. Traduzido por Mateus S. Soares Azevedo et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Traduzido por Roberto Machado. 11ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GONZALEZ, Maurício Ostria. **Aproximación ecocrítica e texto literários.** Quito; Kipus; Revista Andina de Letras, 2010.

LE PRESTRE, Philippe. **Ecopolítica internacional.** São Paulo: SENAC, 2000.

MAQUAVEL, Nicolau. **O príncipe: escritos políticos.** Traduzido por Lívio Xavier. 4ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

RIBEIRO, Wagner Costa. **A ordem ambiental internacional.** 2ed. São Paulo: Contexto, 2005.

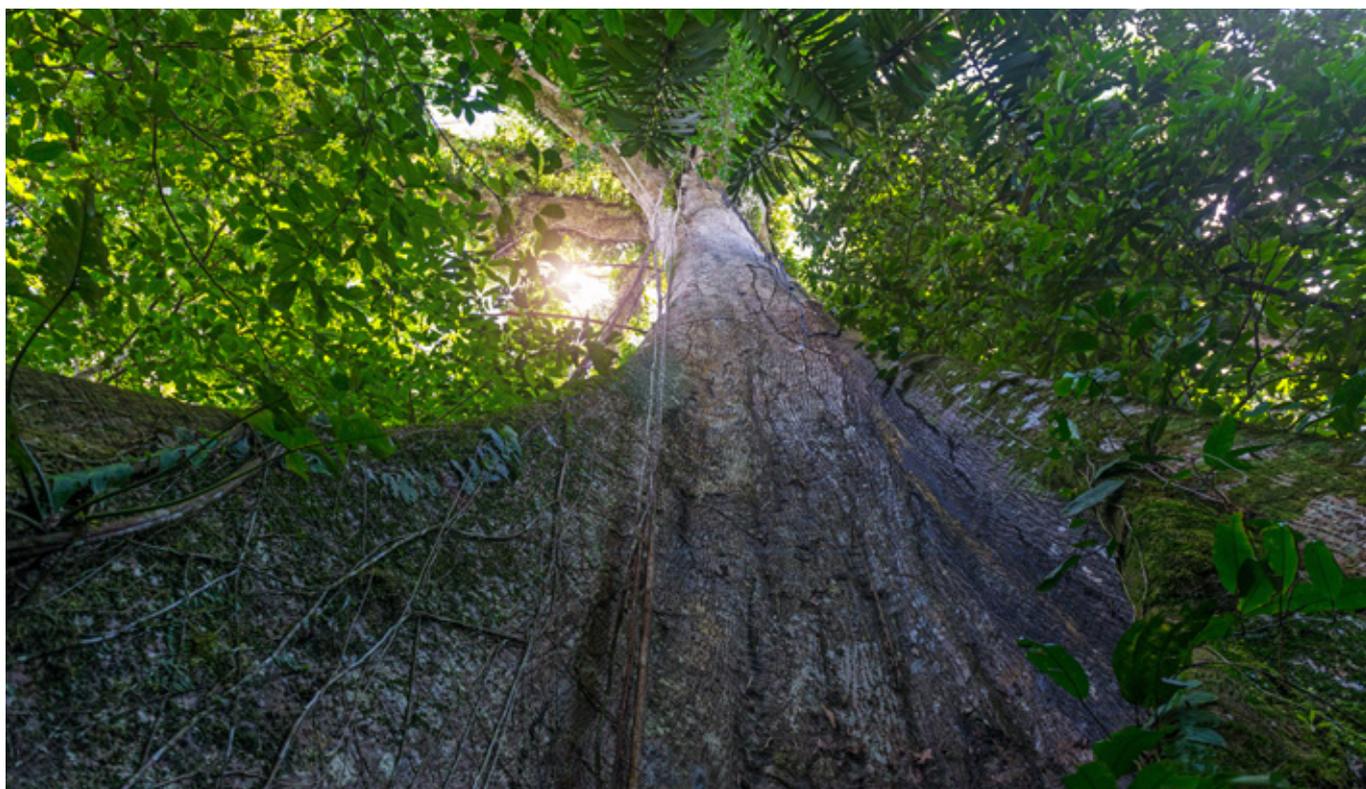
TORRES, Iraildes Caldas. **A perspectiva de Poder em Foucault e suas conexidades com as relações de gênero.** In: Revista Pensamento e Realidade Ano IV N* 9. São Paulo: Laysea, 2001.

TORRES, Iraildes Caldas. **Gênero e meio ambiente na Amazônia: In: TORNQUIST,** Carmen Susana et al [org]. Leituras de resistência: corpo, violência e poder. Florianópolis: Ed, mulheres, 2009.

TORRES, Iraildes Caldas. **Poder e liberdade em Stuart Mill: a inclusão das mulheres nesse debate.** In: Revista pensamento e Realidade. Ano V. n* 10. São Paulo: Loyola, 2002.



Nós e as árvores: uma ecoespiritualidade amazônica



Afonso Murad¹

Benedito Alcântara²

RESUMO

O artigo é um ensaio teológico-pastoral que apresenta cinco características de espiritualidade ecológica, à luz do bioma amazônico: gratidão, encantamento, escuta da Palavra,

profetismo, na força do Espírito Santo. Na tentativa de expressar uma linguagem significativa para os povos amazônidas, comparamos cada traço de ecoespiritualidade com uma árvore do nosso bioma, tendo na mente e no coração que tudo está interligado.

Palavras-chave: Ecoespiritualidade. Espiritualidade Ecológica. Mística. Profecia. Amazônia.

INTRODUÇÃO

A ecoespiritualidade está se desenvolvendo nas nossas comunidades e nos

1 Ambientalista e professor na FAJE, Belo Horizonte.

2 Educador ambiental e membro da REPAM Brasil, Macapá.



grupos. Vamos comparar algumas características da espiritualidade ecológica amazônica às árvores desse nosso fascinante bioma. Como sabemos, as árvores se ligam pelas raízes e se fortalecem umas com as outras, constituindo assim um belo conjunto. Assim também acontece com a nossa experiência de Deus vivida na Amazônia. Selecionamos aqui os seguintes traços de ecoespiritualidade, que só podem ser vividos e compreendidos de forma interdependente, pois tudo está interligado: gratidão, encantamento, escuta da Palavra, profetismo, na força do Espírito Santo. Não é uma lista completa, e sim uma pequena parte da nossa “floresta mística”. Acreditamos que assim respondemos ao apelo do Sínodo para a Amazônia, de abrir novos caminhos de evangelização na região, estimulando a criatividade na linguagem e no método de fazer teologia.

1. ENCANTAMENTO

Na Amazônia cultivamos a sensibilidade à beleza na natureza, nas pessoas, nas comunidades e na luta do povo. Para Jesus, somente quem desenvolve um coração de criança participa do Reino de Deus (Mt 18,1-4). A beleza da Amazônia e de cada criatura que habita nela desperta em nós admiração e respeito. Somos chamados a falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo. Se nos sentimos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotam de modo espontâneo a sobriedade e o compromisso, como em Francisco de Assis [LS, n. 11]. A beleza faz parte do plano salvífico de Deus! E ela está ligada à prática do bem e da justiça. As outras criaturas e as pessoas carre-

gam os sinais do Criador. “Sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” [LS 89].

Muitas vezes, estamos tão absorvidos pelas dores do mundo, provocadas pela degradação do meio ambiente e da vida dos pobres, que corremos o risco de nos deixar levar pelo desencanto. Aprender a apreciar o que é belo, com lucidez e gratuidade, nos ajuda a sair da visão dominadora, que considera os seres humanos como donos da criação. Reconhecemo-nos, assim, como filhos e filhas da Terra [LS 2], irmãos e irmãs das outras criaturas. Gratidão e encantamento nos levam a alentar a alegria e o louvor: “Alegrai-vos sempre no Senhor” [Fil 4,4].

Nós nos encantamos com a Amazônia e seus povos como a Samaúma. Ela é considerada a árvore rainha da floresta, árvore mãe, árvore da Vida, que pode chegar aos 70 metros de altura! É muita beleza por fora e por dentro! Sua magnífica copa serve de abrigo e proteção para diversas espécies de plantas, de pássaros e insetos. Suas raízes, chamadas sapopemas, absorvem água do subsolo para a própria hidratação, jorram diariamente mais de mil litros de água para os rios voadores e exercitam a generosidade irrigando outras espécies vegetais que estão ao seu redor. Os povos originários da floresta descobriram o som que ecoa pelas batidas nas raízes, facilitando a comunicação e a localização, além de vivenciarem uma profunda conexão com o mundo espiritual, quando se percebiam tão pequenos diante de tanta grandiosidade e sedutora elegância! Ela é



árvore sagrada e escada do céu, na cosmologia dos habitantes da floresta!

O que aprendemos com a Samaúma? A superar o pessimismo, o egoísmo e a omissão! Expressar a beleza divina em minha pessoa, tanto interna como externamente. Abrigar a quem de nós precisar, trazendo suas dores e limitações, jorrando uma água que saciará a secura existencial e social. Estender os braços como raiz sapopema, sendo abrigo e acolhida, que ecoa nossos desejos de solidariedade e fraternidade, sintonizando profundamente com a generosidade e a gratuidade do amor sem fim de Deus.

Oração: *Papaizinho querido, fazei-nos instrumentos de tua beleza amorosa, como a Samaúma, sendo abrigo acolhedor para quem não tem onde sossegar; que busquemos em tua profundidade a água restauradora que saciará toda sede, irrigando ao nosso redor a quem desfalece. Transforma-nos em raiz que sustenta aos que perderam as forças na árdua caminhada. Faz que ecoe para além de nossos territórios a boa mensagem de justiça, paz e integridade de tua criação. Assim seja!*

2. GRATIDÃO

Somos agradecidos pelos nossos ancestrais e os parentes mais próximos: os avós, o pai, a mãe, os tios, a madrinha e o padrinho. Fazemos memória daqueles que já morreram e estão na comunhão dos santos e santas. Ficamos felizes com as gerações atuais na família: filhos, sobrinhos e netos. Agradecemos à Terra, que nos dá as condições para viver e, como mãe, nos nutre com flores e frutos. Manifestamos gratidão às pessoas que nos formaram na fé, àquelas com

as quais constituímos comunidade e aos mártires, que testemunham a paixão por Jesus e o Reino até a morte. Saboreamos as pequenas conquistas da luta pela justiça social e ambiental.

Nossa espiritualidade é marcada pelo louvor e ação de graças ao Deus da vida. Como o povo da Bíblia, entoamos salmos e cânticos a Deus [Sl 103, Sl 149]. Reconhecemos seu amor na criação [Sl 136,1-9] e na libertação das opressões históricas [Sl 136,10-24; Sl 146]. Convocamos as criaturas para louvar e agradecer a Deus, junto conosco [Sl 148; Sl 150, Dn 3,57-88]. Como Jesus, louvamos ao Pai porque revela seus segredos aos pequeninos [Mt 11,25]. A exemplo de Maria, no Magnificat, cantamos os louvores a Deus e pedimos que ele derrube os poderosos de seus tronos e eleve os humilhados [Lc 1,46-55]. A Pracuúba é a árvore que nos inspira a praticar a gratidão.

A Pracuúba é uma árvore de grande porte, presente em algumas partes da Amazônia brasileira, como nos estados do Amapá, Pará, Amazonas e Roraima. É típica da região de várzea e de igapó. Alcança uma altura de 40 a 50 metros, com a presença de raízes sapopemas, exibindo uma copa larga e vistosa. Utilizada na medicina caseira, sua casca possui alto teor de tanino, carrega um sabor ligeiramente amargo e resiste a fungos e insetos. Os povos originários amazônicos, em sua profunda relação com a floresta, descobriram na Pracuúba uma madeira valiosíssima para os seus artefatos de marcenaria, de construção civil e naval, além do artesanato.

Navegar pelas Amazônia das águas em uma embarcação feita de Pracuúba garante segu-



rança para as travessias e dá suporte contra os embates nas correntezas e marés. Para os moradores ribeirinhos, utilizar a madeira de Pracuúba para construir suas casas e artefatos cotidianos provoca sentimentos de gratidão. Ela nos remete à memória dos antepassados, às origens familiares dos que escolheram esse lugar para armar a sua morada. Sentir-se em casa, acolher os parentes e oferecer hospedagem, carregar em suas embarcações de Pracuúba os produtos da floresta e conduzir as pessoas, tudo isso fortalece a atitude de gratidão e de louvor a Deus.

Ainda é comum na vida diária dos caboclos amazônidas, após o almoço, deitar-se pelo chão das casas e de lá iniciar um bom papo, contemplando a paisagem ou “desmaiar em um sono gostoso”. Sente-se na pele aquela madeira que permanece com sua energia primordial da floresta e que hoje abriga e acolhe uma família ribeirinha. Então, acontecem partilhas de memórias, de quem ensina o jeito de cada árvore e suas variadas utilidades, das trajetórias de quem enfrentou tantos desafios e aprendeu a conviver com a floresta, com respeito e cuidado, exercitando, de geração em geração, o princípio da “cidadania”.

Oração: Ó Deus, gratidão porque nos deste uma morada, a tua maravilhosa e encantadora Criação. Obrigado pela existência de nossos ancestrais, que *aqui chegaram e aprenderam a conviver com a floresta, forjando saberes, tecendo artesanias que nos legaram uma rica caminhada histórica. Agradecemos por cada ser vivente e por isso Te louvamos com alegria! Que a resistência e a durabilidade da Pracuú-*

ba se façam presentes em nossas travessias e em cada escolha de nosso viver, no enfrentamento dos conflitos e urgentes desafios socioambientais, na atitude humilde de acolher em nossos corações a tua sabedoria. Amém!

3. OUVINTES DA PALAVRA NA BÍBLIA, NA NATUREZA E NA REALIDADE

Nossa experiência de Deus, que chamamos de espiritualidade, está ancorada na leitura orante da Bíblia. A Palavra de Deus se torna companheira de cada dia, lâmpada para os pés na caminhada de fé e luz do nosso caminho [Sl 119,105]. Ela nos alimenta e fortalece [Dt 8,3]. Dela provamos e por ela somos provados [Sl 34,8]. Sentimos sua doçura [Ez 3,3] e amargor, pois é preciso manter a profecia [Ap 10,8-10]. Nela repousamos e, ao mesmo tempo, ela nos mantém despertos. Assim, meditamos a Palavra de Deus diariamente e a colocamos no centro das nossas celebrações comunitárias.

No entanto, quando se faz uma leitura da Bíblia “ao pé da letra”, fundamentalista, sua luz pode cegar as pessoas. Por isso, acolher a Palavra escrita também exige ouvir os apelos de Deus na realidade e descobrir neles os “sinais dos tempos”. Essa expressão do Evangelho [Mt 16,3] foi retomada pelo Papa João XXIII e pela Constituição Pastoral sobre a Igreja do Concílio Vaticano II. Segundo o Concílio, a Igreja deve descobrir os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para responder de maneira atualizada às interrogações sobre o significado da vida presente e futura. É necessário conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e seus dramas [GS



4). A essas duas dimensões de escuta das interpelações de Deus, na Bíblia e na realidade, a ecoespiritualidade acrescenta uma terceira: acolher o “Evangelho da Criação”, título do capítulo II da *Laudato Si’*.

Há uma “palavra sem palavras” em cada criatura e na natureza [SI 19,1-4]. Ela é um livro esplêndido, onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade [LS, n. 12]. Como todas as criaturas estão interligadas, professamos com carinho o valor de cada uma delas. Todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros [LS 42]. Nós cristãos somos ouvintes atentos da Palavra, que se manifesta de maneiras diferentes e complementares na Criação, na Bíblia e na realidade pessoal, social e ecológica. Ouvir essa palavra de Deus, que cura e liberta, nos faz lembrar do Pracaxi.

A árvore do Pracaxi se faz presente na Amazônia em uma longa utilização, na medicina popular ribeirinha e indígena. Ela cresce no clima tropical chuvoso, nas áreas de várzea e beira de rios, atingindo em média 14 metros de altura. O óleo de Pracaxi é considerado o elixir da Amazônia, pois é muito rico em vitamina e ácidos graxos, sendo amplamente utilizado na área de cosméticos, em suas funções nutritivas, cicatrizantes, anti-fúngicas, repelentes de insetos e anti-hemorragias. Uma dessas propriedades, que as mães ribeirinhas repassaram para as gerações sucessivas, é a capacidade do óleo de Pracaxi de desinflamar os ouvidos e restaurar a audição, principalmente das crianças, que acordavam na noite gritando de dor de ouvido e amanheciam tranquilas e escutando normalmente, após usar o óleo de Pracaxi.

Ser discípulo-missionário da Boa Nova requer uma atitude de profunda e sensível capacidade de escuta! Escuta atenta da Criação, da realidade e da Palavra de Deus! Apurar a sensibilidade de acolher as interpelações do Criador em sua Criação, nos acontecimentos, na vida dos seres vivos, humanos e não-humanos, à luz da caminhada do Povo de Deus registrada na Bíblia. Assim, a missão se revestirá de bênção, como um óleo portador de cura e restauração, que cicatriza as chagas e alivia as dores da Criação e de suas criaturas.

Oração: *Senhor da Vida Plena e abundante, restaura a nossa capacidade de escutar os gemidos da Criação, as dores de suas criaturas, as feridas abertas por tanto descuido e insensibilidade por tudo que nos doaste. Que sejamos portadores de um óleo puro e perfumado, como o Pracaxi, para abençoar e animar onde não há mais vida, renovando e fortalecendo os que se deixaram abater no caminho, os que foram abandonados e esquecidos e, especialmente, os que foram silenciados e não escutados. Que a tua Palavra nos cure e no liberte. Assim seja!*

4. PROFETISMO

Os profetas bíblicos Isaías, Jeremias, Amós e Oséias se tornam personagens próximas a nós. A partir de suas palavras e gestos, reconhecemos os profetas e as profetizas de hoje. Eles(as) anunciam com coragem a Boa Nova de Jesus, denunciam as injustiças sociais e ambientais e nos convidam a abraçar a esperança.

Os profetas de ontem e de hoje mantêm acesa a paixão por Deus, que nos comove e



nos provoca [Jer 7,20]. Semelhantes a Isaías e aos primeiros discípulos de Jesus, ouvimos a voz do Senhor: “Quem enviarei, quem irá por nós?” e respondemos: “Aqui estou, envia-me” [Is 6,8; Mt 4,19]. Como os profetas da Bíblia, ficamos indignados diante das injustiças e da violência! Denunciamos uma religião vazia e de aparência [Is 1,10-16]. Ajudamos a desmascarar os mecanismos políticos, econômicos e ideológicos que mantêm a pobreza e destroem o berço de vida amazônico. Não podemos deixar de falar aquilo que experimentamos, vimos e ouvimos [Am 7,14-15, At 4,20]! O anúncio profético não é fácil. Ele nos coloca em situações de conflito, incompreensão e perseguições, na Igreja e na sociedade [Jer 20,8-10; Jo 15,20]. E, ao mesmo tempo, como são belos os pés do mensageiro que anuncia a paz e o Reinado de Deus! [Is 52,10]

Aprendemos com os profetas que a fé tem uma forte dimensão social. Experimentamos como nossa a dor da Amazônia e dos seus povos. Provamos a força dos empreendimentos solidários e dos movimentos socioambientais, como também sua fraqueza diante do imenso poder das corporações que comandam o mercado global. Para nós, o profetismo exige a atuação pessoal, política, ambiental e social. Sua raiz está na experiência mística de ser tocado pelo Deus da Vida, que nos ama e nos convoca. Cultivamos também a sabedoria, o conhecimento com sabor, a descoberta da presença de Deus no cotidiano e nas coisas pequenas da existência. Como os profetas do passado, alertamos sobre a fidelidade a Deus e a nossa aliança com Ele, que começou com

o povo da Bíblia e continua nas nossas igrejas. Profetas de hoje, tocamos e cantamos a “melodia de Deus” na realidade, como violeiros e tocadores de tambores e atabaques que fazem ecoar sua presença. O profetismo pode ser comparado à Macacaúba

A árvore do macaco, Macacaúba, está presente na floresta amazônica e pode atingir até 30 metros de altura. É uma madeira de cor castanho-avermelhada, com listras pretas. É resistente aos fungos e cupins. Com essa propriedade e beleza, é utilizada para assoalhos, paisagismos e instrumentos musicais. A Macacaúba expressa a elegância em seus desenhos e contornos, com sua singular cor avermelhada. A gente escuta: “este violão foi meu pai que herdou de meu avô. Ele ajudou a talhá-lo na marcenaria da família e hoje ficou como minha herança, que passarei para os meus filhos”. Como aconteceu com os profetas da Bíblia, as lembranças das origens iluminam os entrelaçamentos do tempo atual e orientam os rumos a serem tomados. Para discernir o presente, que está recheado de problemáticas socioambientais, em muito ajuda recordar o passado, denunciar o que emperra o fluxo da vida em abundância e alimentar a esperança.

Oração: Bendito sejas Senhor, que nos deste por herança a beleza e a ternura que jorram de teu imenso amor, em tua Criação e em cada ser vivente. Como profetas de hoje, anima-nos a fazer memória de quem doou a sua vida, para que pudéssemos saborear uma vida digna e enfrentar as desigualdades e injustiças. Convoca-nos para o bom combate, apaixonados pelo teu amor zeloso e amoroso, como



instrumentos musicais feitos de Macacaúba, que ecoam de geração em geração a tua Palavra de Vida Eterna. Assim seja!

5. NO ESPÍRITO SANTO

Estamos redescobrimo o Espírito Santo na nossa vida. A força feminina de Deus é chamada pelos judeus como “Ruah”, literalmente “vento” ou “sopro”. O Espírito Santo dança sobre as águas no início da Criação [Gn 1,2]. Presente na ciranda da vida do nosso planeta, ele sustenta os ciclos de matéria e energia e impulsiona a evolução do cosmos e da humanidade. Promove a colaboração e interdependência de todas as criaturas na nossa Casa Comum. “Vínculo infinito de amor, o Espírito está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos” [LS 238].

O Espírito Santo é o fogo amoroso abrasador, o vento impetuoso que desacomoda e traz o novo [At 2,1-2], a brisa que nos reconforta, o defensor dos pobres e fracos. O Espírito unge os profetas [Is 61,1-2] e Jesus de Nazaré [Lc 4,18-19] para evangelizar e restaurar o mundo ferido. Ele nos ajuda a recordar e atualizar a mensagem de Cristo [Jo 14,26]. O Espírito Santo nos remete ao Deus Pai materno, princípio de toda vida. Faz-nos retornar, com um coração renovado, à pessoa e à mensagem de Jesus. Acolher o Espírito de Deus em nós alimenta a esperança e a caridade-solidariedade.

Paulo, na carta aos Gálatas, afirma: “o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, fidelidade, mansidão e domínio de si” [Gl 5,22-23]. O Espírito Santo suscita atitudes e hábitos que se dirigem tanto aos humanos,

quanto às outras criaturas, como a alegria, a paz e a bondade. Ele desenvolve em nós as virtudes para o nosso tempo, tais como a empatia [sentir a dor e o contentamento do outro como nossos], a sobriedade feliz, a simplicidade e o engajamento em causas socioambientais. Podemos comparar essa experiência do Espírito Santo à palmeira do Açaí.

Para expressar a delicadeza e a elegância da floresta, em forma de graciosa presença sobressai a palmeira nativa da região amazônica: o Açaí. Encontrada tanto nas regiões úmidas e de água, como nas matas de terra firme, é uma palmeira que pode atingir de 20 a 25 metros de altura em um tronco delgado e sempre em touceiras. Cada pé produz de 6 a 8 cachos, com 2,5 kg cada. O nome Açaí vem de sua origem tupi YASA'I – fruta que chora terra! Seus frutos possuem uma polpa succulenta, altamente nutritivos e energéticos, grande concentração de vitaminas, sais minerais, óleos essenciais e substâncias antioxidantes. O vinho de açaí já ganhou o mundo e está presente praticamente em todo o território brasileiro.

O que o mundo não conhece e não experimentou ainda relaciona-se com a estética da palmeira do açaí. A paisagem cênica de um açazal impressiona por sua densidade de pés de açazeiro em suas touceiras e, ao mesmo tempo, por uma leveza única que desprende da muralha verde que sobe aos céus. Na presença de uma ventania, o açazal imediatamente começa um bailado, levando cada pé de açaí a contorcer-se de um lado para outro, roçando seus vizinhos, ao mesmo tempo que as folhagens vão entoando um som que aler-



ta aos moradores que a chuva está chegando, ou que a maré do rio está subindo.

A dança do Açaí, em sua nobre acrobacia aérea, nos remete à presença da brisa divina, da Ruah sagrada que estende suas asas, assooprando e esparramando as bênçãos e graças do Altíssimo. Ela faz um desenho novo a cada vento que surge, que assombra e encanta, que provoca e impele, que desafia e suscita engajamentos. Tudo é movimento, com seus riscos e incertezas, estimulando a avançar.

Oração: *Vem Espírito Criador, renova nossas vidas, eleva nossos pensamentos e alimenta nosso profundo desejo de voar até o infinito horizonte amoroso da Trindade. Faz-nos bailar, como uma palmeira de Açaí, em tua ciranda de cantigas primordiais, onde há espaço para toda a Tua Criação e para nossos mais puros sonhos de criança. Assopra teu hálito, que faz de nós novas criaturas, que clamam por novos céus e novas terras. Assim seja!*

CONCLUSÃO ABERTA

Concluimos convocando você e sua comunidade a experimentar e cultivar a espiritualidade ecológica, conforme sua realidade local. Esperamos que o ensaio que fizemos aqui sirva de estímulo, para que juntos busquemos esses sinais de Deus na Amazônia. Utilizamos a comparação com as árvores. Você são convidados a usar outras. Importa expressar nossa fé conforme nossas culturas. Com a força divina que nos liga às águas, ao solo, às árvores, aos pássaros e peixes e aos nossos povos, sejamos discípulos e discípulas de Jesus, protegendo e regenerando a vida em toda sua extensão.

REFERÊNCIAS E LEITURAS COMPLEMENTARES

ALCÂNTARA, B.Q. **A pedagogia da escuta: entre azeites e sabores do pracaxi na amazônia profunda.** *Revista Ecoteologia.* Ano 2. 2 ed. REPAM: Brasília, 2022. Pp 54-55.

BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. Paulus - São Paulo: Paulus. 1990

BOFF, L. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos pobres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004 [Nova edição revista e ampliada: Vozes, 2015].

FERNANDES DA COSTA, R.; ROCHA SANTOS, F [orgs]. **A mística do Bem Viver.** Belo Horizonte, Senso, 2019.

FREI BETTO; BOFF, L. **Mística e Espiritualidade.** Petrópolis: Vozes, 2010.

MAÇANEIRO, M; MURAD, A. **A espiritualidade como caminho e mistério.** São Paulo: Loyola, 1999.

MURAD, A. Janelas Abertas. **Fé cristã e ecologia.** São Paulo: Paulinas, 2022, capítulo 3.

MÜSSIG, D. **Hacia um cristianismo ecológico. Aportes bíblicos y litúrgicos para el cuidado de la creación.** Cochabamba: Itinerários, 2018.

PAPA FRANCISCO. **Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da Casa Comum.** São Paulo: Paulinas, 2015, cap II e cap IV.



SÍNODO PARA A AMAZÔNIA. Documento Final. Vaticano, 2019. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SUSIN, L.C [org.]. **Mysterium Creationis: um olhar interdisciplinar para o universo.** São Paulo: Paulinas, 1999.

Para partilhar em comunidade:

- Quais dessas características da ecoespiritualidade marcam sua vida pessoal e de sua comunidade? Qual delas necessita ser revitalizada?
- A partir de sua experiência de vida, que outras comparações você acrescenta à espiritualidade ecológica?

Os autores se apresentam

Benedito de Queiroz Alcântara. Irrompeu no planeta Terra em Macapá-AP, na linha do Equador, esquina com a foz do Rio Amazonas. Pai de três tesouros amazônicos. Professor da rede pública amapaense. Licenciado em História, Direito e Mestrado em Direito Ambiental. Integrante do Projeto dos Guardiões Ambientais Ribeirinhos. Inserido na equipe formativa da Escola de Fé e Política da Diocese de Macapá, referencial da REPAM, articulador na Amazônia

da Agenda Latino Americana e membro da Comissão do Núcleo Temático Rito Amazônico da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA). Gosta de pedalar, navegar e acordar de madrugada para conversar com as estrelas do céu e as plantas do quintal. É apenas um Poeta socioambiental.

Email: beneditoalcantara54@gmail.com

Ir. Afonso Murad, marista, é pedagogo e doutor em Teologia. Professor da Faculdade Jesuíta [FAJE] e pesquisador em Ecoteologia, colabora em várias instâncias pastorais e organismos eclesiais, como a Associação Nacional de Educação Católica [ANEC], a Rede Eclesial da Panamazônia [REPAM] e a rede latino-americana de Igrejas e Mineração. Articula seu pensamento a partir de distintos saberes, como a Teologia, a educação, a gestão, a comunicação e a ecologia. Autor de vídeos e livros, entre os quais: Maria, toda de Deus e tão humana [Paulinas], Introdução à Teologia, com J.B. Libanio [Loyola], Janelas Abertas. Fé Cristã e Ecologia [Paulinas]. Oferece também breves vídeos sobre Espiritualidade, Maria e ecologia. Disponíveis na sua página do Instagram, Facebook [@afonsomurad] e Youtube.

Email: amurad@marista.edu.br .

O Documento de Santarém e os sonhos do Papa Francisco



Juan Carlos Castillo Castillo, CSsR¹
João de Deus Silva do Nascimento²
Joaquim Hudson de Souza Ribeiro³

RESUMO

Um dos atos mais importantes do Papa Francisco, depois da Encíclica Laudato Si', foi o seu olhar para Amazônia com a convocação ao Sínodo. O Sínodo para a Amazônia reconhece o momento presente como a "oportunidade histórica" da Igreja se diferenciar das novas potências colonizadoras e exercer

1 Bacharel em Filosofia Pela Università Pontificia Salesiana de Roma – UPS/ROMA e Acadêmico do 4º período do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Amazonas

2 Bacharel em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB/AM e Acadêmico do 4º período do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Amazonas

3 Pós-Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - UP; Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo – USP,

Mestre em Cooperação Internacional e Educação pela Università Cattolica del Sacro Cuore – UNICATT-ITÁLIA, Diretor e Professor da Faculdade Católica do Amazonas.



sua atividade profética com transparência, e apresentar o Cristo com todo seu potencial libertador (cf. DF, n. 15). Com o Documento de Santarém, em 1972, e agora 50 anos depois, reafirma-se a importância das duas grandes diretrizes de 1972: Encarnação na Realidade e Evangelização Libertadora. Santarém já apontava a fundamentação desta diretriz na encarnação do próprio Cristo, convidando a uma conversão ao Verbo Encarnado que exige da Igreja um total entrosamento com a realidade. Mas surge as seguintes perguntas: por que se repetem as diretrizes há mais de 50 anos? Será que nossa humanidade não acredita no bem comum e geramos etnocídio e ecocídio sem pensar no futuro próximo? Ou são reafirmadas porque estão ainda mais presentes na atualidade? Tentaremos responder com esta pesquisa básica de revisão literária, cujas bases principais se buscam nos documentos da Doutrina Social da Igreja, de Moral Social e no Documento de Santarém ante a Crise Ecológica em sintonia com os sonhos do Papa Francisco para Amazônia.

INTRODUÇÃO

Documento de Santarém: Um caminho que foi atualizado na Igreja local, mas que também inspirou “a Igreja de Francisco”. 50 anos depois, os participantes do Encontro de Santarém 2022 ratificaram as diretrizes e prioridades assumidas desde 1972, atualizando-as à luz do recente Sínodo da Amazônia, reafirmando a importância das duas grandes

diretrizes: Encarnação na Realidade e Evangelização Libertadora.

Para enriquecer ainda mais, vem os sonhos de Francisco para Amazônia: Uma Igreja com rostos amazônicos, com uma identidade eclesial construída ao longo do tempo e concretizada nos sonhos nascidos da Querida Amazônia [QA, n.7]. Mas também surge as questões para refletir: Por que se repetem as diretrizes há mais de 50 anos? Será que não acreditamos nos objetivos propostos em 1972 até hoje? Será que nossa humanidade não acredita no bem comum e geramos etnocídio e ecocídio sem pensar no futuro próximo?

Este artigo trata-se de uma pesquisa básica de revisão literária, cujas bases principais se buscam nos documentos da Doutrina Social da Igreja, de Moral Social e no Documento de Santarém ante a Crise Ecológica, dentro do Modelo de desenvolvimento atual [Etnocida e Ecocida].

Nosso objetivo é entender o que é Eco-teologia e como é sua relação com as demais ciências e sua importância na sociedade atual, além detectar, identificar como o Documento de Santarém propõe novos caminhos de Evangelização e o cumprimento das propostas delineadas e fazer nossos os sonhos do Papa Francisco.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A palavra ecologia foi criada, em 1866, por Ernst Haeckel, biólogo alemão, discípulo de Charles Darwin. Na época, ele definiu assim a ecologia: estudo dos relacionamentos de todos os seres vivos e não vivos entre si e com seu



entorno. Todos moram juntos na Casa Comum que é a Terra e juntos se entreatam para se alimentar, reproduzir-se e coevoluir. Ecologia é uma palavra composta de duas palavras gregas: oikos, que significa casa; e logos, que quer dizer estudo. Portanto, ecologia quer dizer o estudo que se faz acerca das condições e relações que formam o habitat [casa] do conjunto e de cada um dos seres da natureza [Boff, 2016, p. 530]

Hoje, enquanto conceito, ecologia representa a relação, a interação e o diálogo que todos os seres guardam entre si e com tudo o mais que existe. A natureza [o conjunto de todos os seres], desde as partículas elementares e as energias primordiais, até as formas mais complexas de vida, é dinâmica; ela constitui um tecido intrincadíssimo, com conexões por todos os lados. A ecologia não abarca apenas a natureza [ecologia natural], mas também a cultura e a sociedade [ecologia humana, social etc.] [Boff, 2016, p. 531].

Em uma visão bíblica, podemos encontrar os relatos bíblicos que introduzem a problemática do pecado e as consequências sociais e cósmicas. As referências de inimizades entre a serpente e a mulher [Gn 3,14-16] e a resistência do solo ao trabalho do homem [Gn 3,17-129] intentam explicar a nova condição da relação

entre o homem e as demais criaturas. O relato do dilúvio culmina com a aliança cósmica, celebrada entre Deus e todos os seres viventes e selada com o signo do arco-íris. Apresenta-se a interpretação teológica que o ser humano há introduzido no mundo natural: o que pode-se olhar certa relação muito aprofundada entre o ser humano e o resto do mundo natural, relação que inclui uma extensão do mistério da iniquidade originado no coração humano [Levoratti, 2003].

Desde outra perspectiva, temos o artigo sob a “Ecoteologia e Doutrina Social da Igreja”, que faz a reflexão teológica sobre o tema da origem de nosso planeta. Reconstitui questões vitais, como: qual a participação e o lugar das outras criaturas no projeto salvífico de Deus? Em que consiste a esperança bíblica de

“novo céu e a nova terra”? Consideramos que a teologia é exercício de refletir, elaborar, explicitar, utilizar a razão iluminada pela fé, consiste em pensar fé no horizonte da consciência planetária. Considerar o humano como “filho da terra”, e sua expressão autoconsciente, impacta diretamente na Teologia da criação, na Antropologia, na Escatologia. Propiciar novas leituras, superando uma visão antropocêntrica egóica e dominadora [Rice, 2022].



Naturalmente, a Ecoteologia trata de temas explicitamente ecológicos, em âmbito prático, para ajudar os cristãos a constituir uma sociedade sustentável, viável.



Já a Ecoteologia consiste em pensar a fé no horizonte da consciência planetária. O termo “ecologia” é muito amplo e abarca ao menos três âmbitos: ciência da interdependência de todos os seres, ética do cuidado com o planeta e paradigma pós-antropocêntrico. A ecologia apresenta várias vertentes: ambiental, mental, social e integral. Ela visa compreender como os seres se relacionam na biosfera.

Observa-se que a originalidade da Ecoteologia é que ela exerce o papel do saber crítico-construtivo, justificador e sapiencial. Como fala Leonardo Boff [2016] na apresentação do livro “Ecologia: um mosaico”. Vejamos:

Está ficando claro que a ecologia é mais que uma técnica de gerenciamento de bens e serviços naturais. Escassos. Trata-se de uma arte, de um novo paradigma de relacionamento com o sistema-Vida e com o sistema-Terra. [...] todos os saberes estão sendo ecologizados, para que cada um possa trazer a sua colaboração para salvaguardar a Criação [Boff, Apresentação, 2016, p. 9].

Naturalmente, a Ecoteologia trata de temas explicitamente ecológicos, em âmbito prático, para ajudar os cristãos a constituir uma sociedade sustentável, viável. Por isso, assuntos, como água, resíduos sólidos, política energética, biodiversidade, governança global, consumismo e consumo responsável, mobilidade urbana, uso do solo, qualidade do ar tornam-se também matéria-prima para a ciência da fé, como ética teológica. Por fim, apresentam-se as soluções viáveis, compreendendo: atitudes individuais, ações coletivas, ações

institucionais, políticas públicas nacionais e globais. [Boff, 2016].

Já a questão moral contempla a natureza como “expressão de um desígnio de amor e de verdade” [CV, n. 48]. O meio ambiente foi dado por Deus a todos, constituindo seu uso uma responsabilidade que temos com os pobres, as gerações futuras e toda a humanidade [...]. Quando falta essa perspectiva, o homem acaba considerando a natureza um tabu intocável ou, pelo contrário, abusa dela. Nem uma nem outra atitude corresponde a visão cristã da natureza, fruto da criação de Deus [CV, n. 48]. Em suma, é necessária uma verdadeira mudança de mentalidade que nos induza a adotar novos estilos de vida [CA, n. 36].

No Simpósio de missiologia, o Cardeal Dom Leonardo U. Steiner, na sua conferência: Missão e o cuidado da Casa Comum, comparte-nos que o Papa Francisco ensina em Laudato Si: “Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos [...]. O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.” [LS, n.2] [Steiner, 2023].

Na abertura à Casa Comum, nasce também o horizonte trinitário. Todo o universo é cente-



lha do amor de Deus. Podemos intuir essa grandeza quando Francisco de Assis canta irmão sol, irmã lua, irmão fogo, irmã água... “Enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs” [Steiner, 2023].

Em grego, “irmão” se diz “adelphós”, que significa, o que provem do mesmo útero. Jesus Cristo, e, no seu seguimento, também São Francisco, relacionaram-se com todos os homens e com todas as criaturas como irmãos, considerando todos e tudo como provindo de uma mesma origem, o Pai, de um mesmo útero: as estranhas da sua misericórdia [Steiner, 2023].

Em relação ao Documento de Santarém, poderia surgir as seguintes questões: Por que depois de 50 anos, repetem-se as linhas de ação? Será que o ser humano não compreendeu ainda a necessidade de mudança de mentalidade para uma real sustentabilidade da Casa Comum?

Como solução o Papa Francisco, em sua Doutrina Social, convida a mudar de paradigma: decréscimo. A palavra aparece uma vez de forma explícita em “Laudato Si”:

[...] Sabemos que é insustentável o comportamento de aqueles que consomem e destroem cada vez mais, enquanto outros ainda não podem viver de acordo com a sua dignidade humana. Por isso, chegou a hora de aceitar certo decréscimo do consumo em algumas partes do mundo, fornecendo recursos para que se possa crescer de forma saudável em outras partes [Francisco, LS, n. 93].

Em Querida Amazônia, é apresentada a reali-

dade amazônica a ser evangelizada, missionada. São apresentadas quatro dimensões da realidade amazônica, essenciais para uma igreja frutuosa, misericordiosa, consoladora, inculturada, transformadora, libertadora, ilumina o todo da Amazônia ou a Amazônia na sua totalidade. Os sonhos apresentados ajudam a perceber a vida e o ser da Igreja que está na Amazônia [Steiner, 2023]:

- Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida;
- Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana;
- Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas;
- Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos. [Francisco, QA, n.7].

Sonho social, sonho cultural, sonho ecológico, sonho eclesial. Cada uma das dimensões está mostrando a totalidade, são parte de um todo. O ser social, o ser cultural, o ser ecológico, o ser eclesial explicitam o ser-no-mundo, o mundo na sua totalidade. Por enquanto, o sonho ecológico acorda para levarmos em consideração a Casa Comum na evangelização, na missão, pois

existe uma relação tão estreita do ser



humano com a natureza, a vida diária é sempre cósmica. Libertar os outros das suas escravidões implica certamente cuidar do seu meio ambiente e defendê-lo⁴ e – mais importante ainda – ajudar o coração do homem a abrir-se confiadamente àquele Deus que não só criou tudo o que existe, mas também Se nos deu a Si mesmo em Jesus Cristo.” [QA, n.41] [Steiner, 2023].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo VI, “Singularidade da ecoteologia”, Alfonso Murad mostra quais são as perguntas centrais da Ecoteologia: qual o lugar do ser humano junto com as outras criaturas [não sobre elas, nem sem elas], no projeto criador, salvador e recapitulador de Deus? Como a fé cristã, na sua tríplice configuração de espiritualidade, formulação doutrinal e prática pessoal e comunitária, contribuirá para superar os equívocos do antropocentrismo dominador e do consumismo, criar uma mentalidade integradora e construir uma sociedade justa, inclusiva e sustentável? São simultaneamente questões de natureza doutrinal, ética [prática] e espiritual. Por isso, a Ecoteologia não se reduz a uma disci-

plina teológica, na área da moral, da Bíblia ou da dogmática. A partir das reflexões desenvolvidas, qual seria a originalidade da Ecoteologia? [Murad, 2016].

Murad [2016] responde que ela é compreendida como uma corrente teológica com um acento na ciência da fé, que em relação com outras teologias contextuais:

- a) Incorpora a contribuição das ciências ambientais, das práticas socioambientais e do paradigma ecológico para reler e reelaborar a auto compreensão da fé e do discurso teológico;
- b) Reflete sobre a contribuição da fé cristã para o cuidado com o planeta, a sustentabilidade e o Bem viver;
- c) Desenvolve uma espiritualidade conectada com o mundo, unificadora, celebrante, alegre, esperançada e lúcida;
- d) Articula a dimensão social da fé cristã com a emergente consciência planetária, ampliando o horizonte da Teologia da Libertação latino-americana e incorporando elementos crítico-constructivos de outras teologias contextuais (como a de gênero, étnicas, culturais, inter-religiosas);
- e) Convoca os cristãos e outros interlocutores para desenvolverem atitudes pessoais, ações coletivas e processos institucionais para manter a terra habitável e promover a inclusão social dos pobres [teologia prática ou da práxis]. Tal postura é compreendida com diversos termos, como: cuidado, salvaguarda, integridade da criação.

4 Cf. Bento XVI, Carta enc. Caritas in veritate [CA] [29/VI/2009], 51 [AAS 101 [2009], 687]: “A natureza, especialmente no nosso tempo, está tão integrada nas dinâmicas sociais e culturais que quase já não constitui uma variável independente. A desertificação e a penúria produtiva de algumas áreas agrícolas são fruto também do empobrecimento das populações que as habitam e do seu atraso”.



Referente ao Ecocídio e à crise ecológica, a “desfraternidade” universal é um apelo a conversão interior. A percepção cada vez maior da necessidade de reconciliação. O sentido da conversão e sua necessidade nasce da

consciência de que cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir, ou a certeza de que Cristo assumiu em si mesmo este mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz; e ainda o reconhecimento de que Deus criou o mundo, inscrevendo nele uma ordem e um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar [LS, n.221] [Steiner, 2023].

A relação fraterna, a Casa Comum, desperta para a conversão que deve ser pessoal e comunitária. Ou seja, viver a vocação de guardiões, cuidadores da obra de Deus. Mais que “evitadores” da destruição do meio ambiente, mais que diminuidores da exploração e dominação à Casa Comum, ser cuidadores e cultivadores. Uma abertura de uma nova relação com todas as criaturas e com o mundo que nos rodeia. O cuidado da Casa Comum [Steiner, 2023].

Para identificar e desenvolver novos modelos de sociedade, em sua Doutrina Social da Igreja, o Papa Francisco propõe: a justa distribuição dos frutos da Terra e do trabalho humano que não é filantropia, é dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: é mandamento. Devolver aos pobres o que lhes pertence. Segunda tarefa: unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça. Terceira tarefa: defender a Mãe Terra [DSI 3.2].

Que Igreja sonhamos para Amazônia? O ponto quatro do Documento final do Santarém, propõe um modelo de desenvolvimento socioambiental, que promova as economias justas, com igualdade social e equilíbrio ambiental. Para isso, é primordial assegurar o respeito ao direito de autodeterminação dos povos e das comunidades tradicionais da Amazônia [DS 60], o que requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais a partir de sua própria cultura [Francisco, QA, n.40].

Notadamente, as duas grandes diretrizes apontadas no Documento de Santarém [1972] são de uma atualidade incontestável, foram reassumidas com maior compromisso e profundidade que os tempos de hoje exigem: encarnação na realidade e evangelização libertadora [DF, n.4].

Como conclui-se em Santarém 2022, olhamos para frente, contemplando a beleza e vitalidade desta região, mas vigilantes diante das ameaças que se agravam. Como afirmado na carta do Encontro dos Bispos da Amazônia de 2021:

Acompanhamos estarrecidos, mas não inertes, o desenrolar de um arquitetado projeto genocida, que por sua vez revela o devastador agravamento de uma crise que escancara a pobreza diante da escandalosa concentração de riquezas [DF, n.16].

Leonardo Boff [1996] afirma:

O ser humano pode ser o satã da Terra, ele que foi chamado a ser seu anjo da guarda e cultivador zeloso. Ele mostrou que além de homicida e etnocida pode se transformar em biocida e geocida. [...]



Não só os pobres e oprimidos devem se libertar. Hoje todos os humanos devem ser libertados. Todos somos reféns de um paradigma que nos coloca, contra o sentido do universo, sobre as coisas, ao invés de estar com elas na grande comunidade cósmica. [...] Essa aliança é eterna. Ela se atualiza especialmente em momentos de crise como os nossos. Ela funda a esperança de que o futuro comum não se construirá sobre as ruínas do planeta e da humanidade. Assim como do caos originário surgiu a cosmogênese, a litosfera, a hidrosfera, a atmosfera, a biosfera e a antroposfera, surgirá também a noosfera – a comunhão das mentes e dos corações – num centro de vida, de solidariedade e de amorização comum. [...] O novo paradigma que está nascendo – o da religião – fundará uma religião universal que só será verdadeiramente universal se buscar convergências nas diversidades religiosas. As convergências a serem construídas devem concernir à restauração do sagrado de todas as coisas, ao resgate da dignidade da Terra, à redescoberta da missão do ser humano, homem e mulher, chamado à celebração do mistério do cosmos e, finalmente, ao encontro com Deus, mistério de comunhão e de vida, no próprio processo de cosmogênese. Nossas reflexões querem trazer água e húmus para esta realidade seminal. [...] Abraçando o mundo, estaremos abraçando o próprio Deus. [...] O ser mais ameaçado da natureza hoje é o

pobre. [...] Face a este drama, a solidariedade entre os humanos é praticamente inexistente. [Boff, *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, 1996]

A título de conclusão da conferência de Dom Leonardo, Arcebispo de Manaus, tem-se a reflexão de Papa Francisco na Exortação Apostólica [QA, Oração]: “Tudo o que a Igreja possa, pelo testemunho, exercer sua missão de anunciar o Reino de Deus. Fazer nascer vosso Filho nos seus corações, com a luz da sua Palavras, com o conforto do seu amor, com sua mensagem de fraternidade e justiça” [Steiner, 2023].

Para tornar nossos sonhos uma realidade, é importante envolver toda a comunidade. Podemos criar grupos de ação comunitária que se dediquem a projetos de solidariedade e atendimento às necessidades dos mais vulneráveis. Essa atuação prática e concreta é uma forma eficaz de levar a mensagem do Evangelho a todos, mostrando a importância de agir em prol do bem comum.

Na Amazônia, compreende-se melhor as palavras de Bento XVI, quando dizia:

ao lado da ecologia da natureza, existe uma ecologia que podemos designar “humana”, a qual, por sua vez, requer uma “ecologia social”. E isto requer que a humanidade [...] tome consciência cada vez mais das ligações existentes entre a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana⁵ [QA, n.41].

5 Mensagem para o Dia Mundial da Paz em 2007 (8/XII/2006),



REFERÊNCIAS

BENTO XVI. **Carta Encíclica Caritas in Veritates (CV)**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BOFF, L. [1996]. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres (2 ed.)**. São Paulo: Ática.

BOFF, L. [2016]. **Apresentação. In: A. Murad, Eco-teologia: um mosaico (p. 9)**. São Paulo: Paulus.

BOFF, L. [2016]. **As Quatro Ecologias - Ambiental, Política e Social, Mental e Integral**. In: E. Sbardelotti, *Ecologia, ética e sustentabilidade em Leonardo Boff* (pp. 530-531). Florianópolis: Encontros Teologicos.

GASDA, Élio Estanislau. *Doutrina Social: economia, trabalho e política*. São Paulo: Paulinas, 2018.

LEVORATTI, A. J. [2003]. *Comentário Bíblico Latinoamericano*. Navarra: Verbo Divino.

MODINO, Luis Miguel. *Documento de Santarém 2022 – Fazer nossos os Sonhos do Papa Francisco*. IHU, 13 jun. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.>

[unisinos.br/categorias/619480-documento-de-santarem-2022-fazer-nossos-os-sonhos-do-papa-francisco](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619480-documento-de-santarem-2022-fazer-nossos-os-sonhos-do-papa-francisco). Acesso em: 28 ago. 2023.

MURAD, A. [2016]. *Ecologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus.

PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2020.

RICE, Chistopher. *O melhor resumo da Laudato Si'*. Movimento Laudato Si', 15 jun. 2022. Disponível em: <https://laudatosimovimento.org/pt/news/o-melhor-resumo-da-laudato-si>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SÃO JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Centesimus annus*. São Paulo: Paulinas, 1991.

STEINER, D. L. *Missão e o cuidado da Casa Comum*. Simposio de Missiologia, 25 set. 2023, Manaus.

8: Insegnamenti, II/2 [2006], 776.

Educação Ecológica: os desafios atuais da ecoteologia



Ricardo Gonçalves Castro [Orientador]¹
Cosmo da Costa Cavalcante²
Antônia Roseleide Dantas³
Sueli Silva de Moraes⁴

Ednalva Maria de Melo Silva⁵
Maria do Rosário Muniz Normando⁶

RESUMO

Neste artigo, apresentamos algumas reflexões pautadas no 4º Encontro de Ecoteologia e I Semana Teológica e Filosófica, realizados na Faculdade Católica do Amazonas - FCA, entre os dias 13 e 15 de setembro de

1 Doutor em Teologia das Religiões pela Faculdade de Teologia de Nossa Senhora Assunção. castrocardo@gmail.com.

2 Especialização em Ensino Religioso pela Faculdade São Luís. cosmocavalcanteam@hotmail.com.

3 Cursando Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Amazonas. rosedantas123@hotmail.com.

4 Cursando Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Amazonas. suelimoraes1704@gmail.com.

5 Cursando Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Amazonas. ednalva.cristo@gmail.com.

6 Graduada pela Universidade do Estado do Amazonas. rosario.normando@gmail.com.



2023. Este artigo apresenta os desafios da Ecoteologia, tema importante relacionado aos documentos que originaram suas regras básicas para a elaboração da Encíclica *Laudato Sí'*. Organizados em percursos sociais, culturais e ecológicos, o caminho aponta a direção para uma Igreja que escuta o clamor do seu povo, em um ambiente castigado e ceifado pelo fim da vida humana. A *Laudato Sí'* reconhece e confirma o surgimento de uma renovação para a Igreja. Renovação da escuta, da reflexão e do agir pastoral, pois a Amazônia clama e lamenta a sua devastação, realizada pelo homem que deveria cuidar da floresta. O tema da Ecoteologia é de sustentabilidade da vida no planeta, não é apenas uma moda teológica. Ele se revela a cada dia mais crucial para o destino da humanidade. Por isso é preciso enfrentá-lo com modéstia e efetividade. Temos que dar bastante atenção para a dimensão missionária e evangelizadora implicada na Ecoteologia e na sustentabilidade da vida no planeta com uma postura de fé, é preciso desenvolver uma espiritualidade corajosa e, ao mesmo tempo, humilde. Trata-se de assumir uma espiritualidade que sustente as comunidades na sua fé e na esperança para uma caminhada que não se anuncia fácil ou incontroversa. Tal espiritualidade, bebe da fonte do Evangelho e da graça de Deus, presente em Jesus Cristo com uma espiritualidade de desafios.

Palavras-chave: Ecoteologia. Teologia. Filosofia. Reflexão. Desafios Pastorais.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo geral a proposta do diálogo entre a Ecoteologia e a categoria sociológica, refletindo sobre as contribuições que a Teologia pode oferecer à agenda ambiental, em uma sociedade marcada pelo individualismo e pelo consumismo que constantemente agride o meio ambiente. A temática da Ecoteologia tem a visão de iluminar as discussões e os debates que possam contribuir com a luta em defesa da Amazônia e sua biodiversidade. Como metodologia, é utilizado o acolhimento para fortalecer e favorecer o diálogo sobre “a espiritualidade que dá força ao trabalho” missionário de religiosos e religiosas, juntamente com a participação dos leigos e das leigas nas comunidades ribeirinhas e indígenas dessa imensidão amazônica. A Faculdade Católica do Amazonas – FCA, em concordância com as pesquisas e estatísticas sobre os desafios atuais da Ecoteologia, no seu campo educacional e acadêmico, aborda a temática em relação a Educação Ecológica, inseridas nos âmbitos: pastoral, educacional, acadêmico, social, cultural e ecológico e das comunidades eclesiais que contemplam um diálogo ecoteológico com a sociedade.

Para Castro [2018, p. 10]:

A resposta a esses sentimentos brota da fé no Deus da vida que continua alimentando nossos corpos, nossos espíritos e nossas mentes, são sentimentos que refletem uma visão de futuro da nossa realidade de vida a qual vivemos na atualida-



de, de um planeta em fase de extinção que pede socorro pela sobrevivência de sua biodiversidade [Castro, 2018, p. 10].

Assim como o profeta Jeremias chorou sobre a destruição da cidade santa [Lm 1,16], e Jesus com a incredulidade de seu tempo, nossa resposta é o lamento [Mt 23,36-39]. O lamento é uma reação própria do coração humano frente aos grandes desafios, aos desmandos humanos, à ignorância e à violência. De alguma forma, alimenta-se no imaginário social e político, em torno das questões ambientais, uma ilusória suposição de que existe uma solução, ainda desconhecida, que pode e será, em algum momento implementada de alguma forma, permitindo-nos de continuar perpetuando nosso modo de viver que é essencialmente destrutivo da vida na Terra.

O Meio Ambiente é “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. A mesma lei adota o conceito de recursos ambientais como sendo “a atmosfera, as águas superficiais e subterrâneas, o mar territorial, o solo, o subsolo, os elementos da biosfera, a fauna e a flora”.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como principais resultados e discussões, identificou-se que a Ecoteologia é hoje um desafio pastoral e comunitário, no qual há urgente necessidade de conscientização das comunidades eclesiais. A reflexão teológica pode contribuir significativamente para a questão ecológica, porém podem prescindir do diálogo com categorias sociológicas, fun-

damentais para compreensão das práticas e dos problemas sociais que abrangem o futuro do nosso planeta.

No âmbito internacional, é publicado pelo Papa Francisco um marco político e ético importantíssimo, a Encíclica *Laudato Si'*, um documento que aponta para um novo paradigma societário, pastoral, cultural e ecológico, o cuidado consigo mesmo, com o outro e com o planeta. O ser humano não é o centro da vida e nem pode viver de modo isolado das relações de outros seres e vidas.

Toro [2004, p.2] afirma:

O conceito do paradigma do cuidado vem a esse encontro. Ele é apresentado pelo educador e filósofo Bernardo Toro e defende que as pessoas devem assumir o cuidado como forma de construir um novo mundo, mais justo, mais humano e democrático [Toro, 2004, p. 2].

Para isso, Bernardo Toro [2004, p. 2] tem como uma das inspirações o teólogo e filósofo Leonardo Boff, que escreveu o livro “Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra” [2012]. Hoje, por exemplo, vivemos sob o “Paradigma da acumulação e do sucesso”, em que sucesso se define pelo desenvolvimento individual, principalmente, ao que se refere ao acúmulo de riqueza e poder. Para construirmos uma sociedade equitativa, precisamos mudar nossa forma de pensamento e de organização.

Bernardo Toro [2004, p. 2] defende que, para isso, é necessário: Aprender a cuidar de si mesmos, refletindo, articulando, autoconhecendo e praticando o cuidado próprio. Apre-



der a cuidar dos outros, entrando em contato, dialogando promovendo ações de apoio, redes de trocas e, por meios de uma ação fraterna, cuidar uns dos outros é cuidar do planeta. A Teologia Ecológica ou Ecoteologia foi pouco elaborada pelo pensamento cristão em seu desenvolvimento ao longo do tempo e sobre a maneira como ela é refletida atualmente Toro [2004, p. 2].

A aceitação da reflexão Ecoteológica ganhou impulso com a publicação da “Carta Encíclica Laudato Si’”, redigida pelo Papa Francisco. Desde então, há muitos teólogos pesquisando sobre o tema e enriquecendo as reflexões sobre o cuidado com a Casa Comum, a natureza, e o meio ambiente.

Cuidar do planeta Terra, nossa Casa Comum, é urgente; estamos esgotando os seus recursos naturais e explorando de modo irresponsável a natureza. O desflorestamento e a poluição do ar estão acelerando o efeito estufa e o derretimento das calotas polares; catástrofes ambientais nos amedrontam, mas não fomos ainda capazes de frear o desmatamento e as queimadas.

De acordo com Toro [2004, p.2]:

Estamos vivenciando uma destruição gradativa do planeta e da natureza, na qual, por muitas vezes, o que impera no pensamento e atitude dos homens é um desejo em acumular riquezas mesmo que, para isso, sejam necessários extinguir e pilhar. O clamor do povo que vive na floresta não pode continuar sendo ignorado, visto que o latifúndio e os grandes produtores que utilizam

a terra estão colocando em perigo a subsistência de vilarejos e aldeias. As queimadas e o desmatamento estão a cada dia reduzindo a biodiversidade a um pequeno espaço, e a vida na floresta se torna inviável aos pobres que amam e cultivam o solo com respeito.

Os poderes públicos não podem mais ser omissos perante as situações ameaçadoras que o planeta Terra está vivendo. A Ecoteologia nos apresenta uma série de ações pastorais a partir do diálogo entre a Ecoteologia e as categorias sociológicas, nas quais podemos encontrar uma espiritualidade do cuidado, para que continuemos a descobrir os caminhos para uma Ecoteologia Integral. O caráter da Ecoteologia foi percebido de várias maneiras, entre eles, em uma relação de continuidade e ruptura com a grande tradição da Igreja, deve-se necessariamente articular, no interior de seu discurso, a criação em Cristo no Espírito, a história, a encarnação, a redenção e a consumação.

Castro [2018, p. 10] diz:

Os desafios para a Ecoteologia se referem as mudanças climáticas que geram novas problemáticas para a sociedade e para os indivíduos e trazem em si questões morais, que nos levam a refletir sobre a sobrevivência dos seres humanos, de qualquer forma, a expressão “Ecoética” na comunidade cristã deve enfrentar os desafios que a crise ecológica apresenta às tradições teológicas e às práticas morais [Castro, 2018, p.10].



Conviver e cuidar é uma necessidade urgente caso queiramos ter um futuro para a vida na Terra. A convivência integral é possível quando nós, humanos, despertamo-nos para o fato de que é viável estar junto à biodiversidade, sem desejar a sua destruição. Para essa reflexão, recorreremos ao teólogo Leonardo Boff e a seus comentários sobre a Carta da Terra. Vale destacar o seguinte:

É apresentado o fato de que nem sempre a Igreja, assim como outras religiões, de ter estado a favor da vida e da natureza. Tristes acontecimentos na história nos revelam a prepotência de colonizadores que iniciaram um ciclo de morte [Castro, 2018, p. 10].

No documento final do Sínodo dos Bispos para a Amazônia, foram apontadas as ideias iniciais dos bispos e do povo da Pan-Amazônia, as quais retratam a sensibilidade do povo e da Igreja, que caminham e buscam juntos uma ação conjunta de soluções para continuarem a evangelizar nas terras amazônicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo identificou que a Ecoteologia é, hoje, um desafio pastoral, eclesial e comunitário. Há a urgente necessidade de conscientização das comunidades eclesiais sobre a questão ecológica, tendo em vista que o problema não é apenas macro; não deve ser preocupação apenas de grandes organismos e governos, mas é um problema individual, tendo em vista uma sociedade de hiperconsumo, marcada pelo egoísmo e pelo individualismo. Identificou-se que a reflexão teoló-

gica pode contribuir significativamente para a questão ecológica, utilizando um diálogo de participação com as pastorais, comunidades eclesiais e categorias sociológicas, fundamentais para compreensão das práticas e dos problemas sociais.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra.** Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2012.

CASTRO, Ricardo. **Revista Ecoteologia.** REPAM, 2018.

MOLTMANN, Jurgen. **A Ecoteologia.** Ed: Fonte. São Paulo, 2016.

PAPA FRANCISCO. **Encíclica Laudato Si'.** 2015.

REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA - REPAM. **Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral.** Brasília: CNBB, 2018.

TORO, José Bernardo. **Um modelo de construir a democracia e a participação.** Ed. Autêntica, 2004.

Ricardo Gonçalves Castro [Orientador]

Cosmo da Costa Cavalcante

Antônia Roseleide Dantas

Sueli Silva de Moraes

Ednalva Maria de Melo Silva

Maria do Rosário Muniz Normando

Fome na Amazônia e os impactos ambientais

RESUMO

Agnaldo dos Santos¹

George Alexandre Barbosa de Vasconcelos²

Joaquim Hudson de Souza Ribeiro³

Juarez Tavares de Vasconcelos⁴

Lidiane Barbosa Tavares⁵

Maria Roseane Gonçalves de Menezes⁶

O presente artigo, intitulado “Fome na Amazônia e os Impactos Ambientais”, tem por objetivo compreender sobre a Insegurança Alimentar e seus impactos ambientais no mundo e na Amazônia, relacionando às questões ecológica e ecoteológica. Sabe-se que o direito à alimentação é um direito universal reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. No entanto, constata-se que a problemática da fome, desde 2012, tornou-se um tema de bastante relevância, debatida na Conferência Rio+20 das Nações Unidas. Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreu-se ao método bibliográfico. Priorizamos o fichamento dos textos e o diálogo com os autores dos quais se debruçam sobre o tema em voga. Nessa direção, realizou-se reflexões e análise crítica dos resultados a partir do enfoque dos pesquisadores da área. A pesquisa conduziu a compreensão de que a problemática social fome relacionada às questões ecológicas, a preservação do meio ambiente nas suas diversas esferas, os meios de produções sustentáveis, são temáticas de suma relevâncias para o debate acadêmico atual, visto que a questão da fome realmente atinge uma expressiva parcela da população mundial e local da região amazônica.

Palavras-chave: Fome. Amazônia. Ecologia. Ecoteologia. Impactos Ambientais.

1 Acadêmico do 2º período do Curso de Bacharelado de Teologia da Fametro/Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: Agreciclagem@gmail.com.

2 Licenciado em Filosofia pela Faculdade Pan Americana – FPA, Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Equatorial – FATEBE, Belém-PA e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Professor e Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: gabv8479@hotmail.com.

3 Pós-Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – UP, Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo – USP, Mestre em Cooperação Internacional e Educação pela Univesità Cattolica del Sacro Coure – UNICATTP-ITÁLIA, Diretor e Professor da Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: jhudsonmanaus@hotmail.com.

4 Acadêmico do 2º período do Curso de Bacharelado de Teologia da Fametro/Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: juareztvvasconcelos@hotmail.com.

5 Acadêmica do 2º período do Curso de Bacharelado em Teologia da Fametro/Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: lidianebtavares1@hotmail.com.

6 Mestre em Educação, Professora e Coordenadora de Ensino da Faculdade Católica do Amazonas – FCA/AM. E-mail: mariaroseanegm@gmail.com.



INTRODUÇÃO

No Brasil, a escalada da fome segue níveis preocupantes: cerca de 33,1 milhões de brasileiros vivem em situação de fome, 14 milhões a mais que em 2020, o quadro é equivalente ao da década de 1990. O número de pessoas que vivem com fome teve um aumento de 13,8 milhões, a proporção de pessoas afetadas por esta situação encontra-se praticamente inalterada desde 2015. Na Amazônia, essa situação é ainda mais alarmante, visto que a riqueza em biodiversidade da Amazônia não se reflete na alimentação de sua população, pois o mapa geográfico da fome mostra que 18% dos lares na região Norte estão em situação de insegurança alimentar grave. Em junho de 2022, Manaus contava com mais de 160 mil famílias viven-

do em situação de extrema pobreza, correspondendo a cerca de 445 mil pessoas nesta situação [19,7% da população]. Observando esses dados estatísticos, surgiram as seguintes inquietações: Qual a relação da fome com o meio ambiente, com a sustentabilidade, os impactos ambientais, com Ecologia e Ecoteologia? Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo compreender sobre a Insegurança Alimentar e seus impactos ambientais no mundo e na Amazônia, relacionando às questões ecológica e ecoteológica.

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreu-se ao método bibliográfico e analítico, buscou-se o levantamento de referências, estudo das categorias a serem analisadas e escrita analítica, dialogando com os autores, realizando reflexões e análise crítica dos resultados.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Fome, sustentabilidade e as questões ambientais

O direito à alimentação é um direito universal reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Nessa direção, sabe-se que a problemática da fome, desde 2012, tornou-se um tema de bastante relevância, pois na Conferência Rio+20 das Nações Unidas, sua erradicação transformou-se em um dos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável: “atingir fome zero, a segurança alimentar e boa nutrição e promover a agricultura sustentável. Mas, por que a humanidade enfrenta o problema da fome na atualidade? Tudo indica que: existe produção de alimentos suficiente no mundo para suprir as necessidades de todos os indivíduos desse planeta [FAO, 2022].

Um dos fatores apontados que tem levado a humanidade a essa crise humanitária está relacionada à deficiência do sistema de distribuição desses recursos. A oferta de alimentos fica centralizada nos centros urbanos e países desenvolvidos.

A Fome e os desafios da sustentabilidade

Dadas essas notas acima, é possível destacar que, a partir da Declaração de Roma de 13 de novembro de [1996], entre as possíveis causas da deficiência do sistema de distribuição e da insegurança alimentar estão: “os conflitos, as guerras, o terrorismo, a corrupção, as mudanças climáticas, a degradação do meio ambiente, a pobreza” extinção dos ecossistemas, dos biomas, entre outras atividades contra “a casa comum”. Neste caso, deve-se considerar também as





contrastantes e complexas realidades dos biomas brasileiros, o que implica a sustentabilidade, a qual é considerada “toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, a comunidade de vida e a vida humana, visando ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras” [Boff, 2012, p.107].

Diante das exigências, sem sombra de dúvidas a crise ecológica, ou ambiental, atualmente alcançou proporções inéditas. Essa atual problemática social da fome proporciona reflexões a partir da Ecologia, da Ecoteologia entre outros campos do saber.

A Importância da Ecologia para as questões ambientais

É possível dizer que a Ecologia é uma área da Biologia que estuda as relações entre os organismos vivos no seu meio ambiente [Diana, 2018]. Por esse prisma, Leonardo Boff [2004], ao dilatar essa compreensão, observa que a Ecologia é um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios, a qual visa o cuidado do nosso planeta. Assim, o mesmo esclarece: “A ecologia é um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos [...]” [Boff, 2004, p.17].

De tal modo, por essa ótica, é possível dizer que a Ecologia deve ser fecundada pela proposta da Ecologia Integral, para que possa ressignificar o olhar do homem, de seu agir, de suas relações com a mãe Terra e com todos os ecossistemas, para que consiga viver de maneira equilibrada e comum. Assim, a Ecologia alcançará o sentido de ser, e se tornará “a ciência e a arte das relações entre os seres relacionados” [Boff, 2004, p. 23].



Tudo indica que: existe produção de alimentos suficiente no mundo para suprir as necessidades de todos os indivíduos desse planeta (FAO, 2022).

A proposta da Ecoteologia

Nessa atmosfera repleta de discursões e reflexões, na pauta Ecológica e Ecoteológica, é urgente buscar alternativas eficazes que possam romper com a lógica de consumo da sociedade vigente onde seu núcleo é “marcado pela industrialização e a sociedade de consumo – que alterou os ecossistemas e o funcionamento natural da terra” [Guridi, 2018, p. 35]. Nessa perspectiva, se a humanidade não mudar o modo de sua relação com o meio em que vive e com as demais formas de vidas, a espécie humana se tonará predadora de si mesma, o que levará a extinção da biosfera.

Nesse contexto, é preciso desenvolver uma proposta de espiritualidade ecológica. Compreende-se que não basta apenas defender os biomas e os animais, é preciso tam-



bém defender a melhoria concreta da qualidade de vida das populações e o alimento na mesa dos necessitados.

Para Almeida [2021], a fome na Amazônia é invisível, pois muitas pessoas acham que não há ausência de alimentos disponíveis para as comunidades, em detrimento da grande biodiversidade que os cerca, evidenciando-se que os municípios mais pobres se encontram na Amazônia, expondo os diferentes níveis de pobreza que assolam a região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, constatou-se que os temas que envolvem a fome com as questões ecológicas, a preservação do meio ambien-

te nas suas diversas esferas, os meios de produções sustentáveis, são temáticas de suma relevâncias para o debate acadêmico atual, pois atingem uma expressiva parcela da população mundial e local da região amazônica.

Nessa direção, a Faculdade Católica do Amazonas, enquanto Instituição de Ensino Superior, destaca aqui importância e a necessidade de oferecer a Disciplina da Ecoteologia no curso de Teologia, pois o campo é vasto e fértil, além de ser um meio de se promover a conscientização diante dos temas em questão. Vale destacar, também, que umas das saídas sugeridas, pelos que se debruçam sobre o tema, seria criar políticas que valorizem os pequenos agricultores, assim como a agricultura familiar.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mário Tito Barros. **Fome na Amazônia: ela é rica, mas não produz riqueza; produz ricos.** Instituto Humanitas Unisinos, 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/610695-fome-na-amazonia-ela-e-rica-mas-nao-produz-riqueza-produz-ricos-entrevista-especial-com-mario-tito-barros-almeida>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BOFF, L. **As 4 ecologias.** Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2012.

BOFF, L. Ecologia. **Grito da Terra, grito dos pobres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

DECLARAÇÃO de Roma sobre a segurança alimentar mundial e plano de ação da cimeira mundial da alimentação. In: WORLD FOOD SUMMIT, 1996, Rome. [Abstracts...] Rome: FAO, 1996. Disponível em: Acesso em: 26 set. 2023.

DIANA, Juliana. **O que é Ecologia.** Toda Matéria, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-ecologia/>. Acesso em: 26 set. 2023.

GURIDI, R. **Ecoteología: hacia un nuevo estilo de vida.** Santiago: Ed. Universidad Alberto Hurtado, 2018.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** ONU, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Conferência Rio+20 das Nações Unidas. Disponível em: www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20.html. Acesso em: 26 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). Relatório Mundial sobre a Insegurança Alimentar no Mundo. A Agenda Global de Desenvolvimento 2015-2030 e os ODS. **FAO**, 2022.

Ética da responsabilidade e ecologia integral: um diálogo entre Hans Jonas e a encíclica *Laudato Si'* frente às questões ambientais da Amazônia

João de Deus Silva do Nascimento¹

Ricardo Gonçalves Castro²

Joaquim Hudson de Souza Ribeiro³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os problemas causados pela atual crise ambiental e constituir uma discussão entre os conceitos de *Ética da Responsabilidade*, de Hans Jonas, e a *Ecologia Integral* presente na Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a qualitativa, com o procedimento da pesquisa bibliográfica e análise hermenêutica-dialética. O artigo está organizado em três partes: a primeira é uma apresentação do conceito de

Ética da Responsabilidade de Hans Jonas, mostrando como ele constitui esse pensamento ético para se garantir a vida no século XX, tão marcado por uma crise da tecnologia que causou guerras e potencializou a intervenção humana em relação a natureza, pois a mentalidade que imperava era antropocêntrica entre os homens, a qual pertencia esse poder tecnológico. Na segunda parte, apresenta-se o conceito de *Ecologia Integral*, que o Papa Francisco, ao analisar o atual cenário de crise socioambiental que ameaça a vida do planeta e de seus habitantes, propõe uma nova forma de nos relacionarmos com a natureza, inspirado na vida cotidiana dos povos indígenas, que vivem de forma integral com a terra, sendo parte dela, utilizando-se de práticas sustentáveis para seu bem viver. Para superar essa atual crise, devemos entender que tudo está interligado entre si, adotar práticas sustentáveis e mudar a forma de nos relacionarmos com a natureza. Na terceira e última parte, apresenta-se o cenário de crise ambiental no contexto amazônico e como é importante refletir e constituir meios éticos sustentáveis para mudar esse cenário e para a manutenção da fauna e flora deste belo bioma e a vida dos povos que nele habitam.

Palavras-chave: Ética da Responsabilidade. Ecologia Integral. Crise Ambiental. Amazônia. Sustentabilidade.

1 Bacharel em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB/AM e Acadêmico do 4º período do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Amazonas.

2 Professor Doutor, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia da Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB, Manaus – AM e da Faculdade Católica do Amazonas.

3 Pós-Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - UP; Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo – USP; Mestre em Cooperação Internacional e Educação pela Università Cattolica del Sacro Cuore – UNICATT-ITÁLIA, Diretor e Professor da Faculdade Católica do Amazonas.



ABSTRACT

This article aims to reflect on the problems caused by the current environmental crisis and to constitute a discussion between the concepts of Hans Jonas 'Ethics of Responsibility and the Integral Ecology' present in Pope Francis' Encyclical Laudato Si. The methodology used for this research was qualitative, with the procedure of bibliographical research and hermeneutic analysis. The article is organized in three parts: the first is a presentation of the concept of Ethics of Responsibility by Hans Jonas, showing how he constitutes this ethical thought to guarantee life in the 20th century so marked by a technology crisis that caused wars and strengthened human intervention in relation to nature because the mentality that prevailed was anthropocentric among men to which this technological power belonged. In the second part, the concept of Integral Ecology is presented, which Pope Francis, when analyzing the current scenario of socio-environmental crisis that threatens the life of the planet and its inhabitants, Francisco proposes a new way of relating to nature, inspired by daily life of indigenous peoples, who live integrally with the land, being part of it, using sustainable practices for their good living. To overcome this current crisis, we must understand that everything is interconnected and adopt sustainable practices and change the way we relate to nature. In the third and last part we intend to show this scenario of environmental crisis in the Amazon context and how important it is to reflect and constitute sustainable ethical means to change this scenario and to maintain the fauna and flora of this beautiful biome and the lives of the people who inhabit it.

Keywords: Ethics of Responsibility. Integral Ecology. Environmental Crisis. Amazon. Sustainability

INTRODUÇÃO

Passamos, atualmente, por uma grande crise ambiental que assola a vida do planeta. Uma crise causada pelo próprio ser humano, que, por meios das tecnologias de exploração mineral da natureza e motivada basicamente pela obtenção de lucros, retira e não repõe matérias essenciais, causando, assim, degradação sem precedentes na natureza. A destruição dos biomas gera discussões, debates e elaborações de compreensões, em várias instâncias da sociedade que, ao compreender a crise, almejam a preservação por meio de uma vida sustentável.

Os conceitos apresentados e analisados, nesta pesquisa, surgem com grande ênfase nessas discussões sobre a sustentabilidade. Preservar a Amazônia é tão importante quanto se pensa. Esse bioma é responsável pela distribuição de chuvas no continente, regulação da temperatura na terra. Os povos originários desta região mantêm uma vida de equilíbrio com a natureza, utilizam seus recursos sustentavelmente, um modo de viver que deve ser respeitado e aprendido com eles.

Hans Jonas [1903-1993], considerado o último representante do grupo dos filósofos judeus nascidos na Alemanha, viveu durante quase todo século XX, presenciando grandes mudan-



ças e problemas que ocorreram naquele período. Além de vivenciar a crise europeia nas décadas de 1920 e 1930, Jonas presenciou a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o advento do nazismo, e o triunfo da sociedade tecnológica. Poder presenciar e analisar o estado real dos acontecimentos, fizeram com que Hans Jonas observasse e refletisse sobre a forma com que o desenvolvimento tecnológico, oriundo da técnica, foi decisivo para alargar em grande escala, destruições em grandezas nunca imagináveis. Para Jonas, o impacto que as bombas atômicas causaram, durante a II Guerra Mundial, inaugurou uma reflexão nova e angustiada no mundo ocidental.

Pelo fato de Jonas ser de origem judia, teve o período inicial de sua formação baseada na

leitura dos profetas hebreus; estudou Filosofia e Teologia em Freiburg, enraizado na Fenomenologia e no Existencialismo. No ano de 1921, Jonas frequentou as aulas de Heidegger e Husserl e, em 1924, conhece Rudolf Bultmann, do qual recebe orientação e elabora uma tese sobre a Gnose no Cristianismo. Em 1933, com a chegada dos nazistas ao poder, Jonas migra para a Palestina.

Entre 1940 e 1945, Jonas se alista no Exército Britânico e decide lutar contra Hitler. Nesse período, Jonas estava longe das bibliotecas e universidades, porém inserido em um universo de espanto e reflexão. O sobressalto do estado apocalíptico das “coisas” fez com que ele refletisse sobre a origem do universo, sobre as formas de vida e, acima de tudo, sobre a natureza



e o abuso da técnica. O filósofo alemão publicou, em 1973, uma obra de grande lucidez que pretendia tratar da técnica e propor uma ética que envolvia a natureza, intitulada “O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”.

A Ética da Responsabilidade pretende dar uma resposta a essa crise causada pelo homem que, em cada um dos seus atos, ele deve preservar e garantir a vida humana, criando um novo paradigma ético e moral, para que essa preservação da vida seja feita hoje e pensando nas futuras gerações, garantindo essa vida para o futuro. Só é possível mudar seus atos em relação ao meio ambiente adotando práticas sustentáveis.

Para adotarmos práticas sustentáveis temos que entender as nossas relações com o meio ambiente. Um conceito importante proposto pelo Papa Francisco, em sua Encíclica *Laudato Si'*, é o de Ecologia Integral: temos que entender a Ecologia como um todo, a natureza como parte integrante de nós, compreender a relação do meio ambiente com a sociedade em que vivemos. “Tudo está interligado” [Francisco, 2015, p. 113] afirma o pontífice. Uma ecologia ambiental, econômica, cultural e social devem integrar uma verdadeira relação do homem com o meio ambiente para poder protegê-lo.

A atual crise é causada por um comportamento egoísta e consumista, apoiado pela tecnocracia. Os conceitos de Ética da Responsabilidade e Ecologia Integral surgem como parte de uma reflexão importante para frear essa crise. O planeta, a Amazônia que é o nosso lar, são parte de nós, como mudar essas ações devastadoras? Como adotar hábitos sustentáveis?

Como está nossa relação com o planeta e com a Amazônia? Como garantir vida sustentável para as futuras gerações? Os conceitos de Ética da Responsabilidade e Ecologia Integral que, nesta pesquisa, serão apresentados sugerem vários meios de como responder a essas perguntas e a superar essa atual crise ecológica. Porque “o futuro do planeta e de todas as espécies depende do nível de cuidado que a cultura e todas as pessoas tiverem desenvolvido [Boff, 2003, p. 86].

1. Ética da Responsabilidade

1.1. Agir modificado do homem, a crise da ética

Em sua principal obra, “O Princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”, publicado em 1973, Hans Jonas se propõe a analisar o que ele chama de “natureza modificada do agir humano” [Jonas, 1979, p. 27], causada pelo contexto tecnológico que alterou as ações humanas e que trouxe novos desafios ao campo da ética. Jonas [2006] analisa que a técnica causa um novo modo de agir nas pessoas. Nesse caso, faz-se necessário um novo modo de agir nesse cenário tecnológico e os antigos imperativos éticos não são mais suficientes. “Não se trata de reconhecer que os modelos éticos tradicionais não são mais válidos, mas que não são mais satisfatórios para enfrentar o novo cenário tecnológico” [Oliveira, 2014, p. 123].

Esse cenário dos avanços tecnológicos faz esses modelos éticos tradicionais e seus valores ficarem envelhecidos e ineficazes por não atenderem as urgências desse novo tempo.



No primeiro capítulo dessa obra, Hans Jonas aborda os motivos que fazem esses antigos modelos éticos não serem mais suficientes para encarar essa natureza modificada do ser humano pela técnica. Para sustentar essa ideia de que as éticas tradicionais estão envelhecidas para os tempos de avanço tecnológico.

Por mais que as técnicas modificassem a vida humana [a agricultura e o surgimento das cidades são expressões emblemáticas desta modificação], não se pode dizer que elas fossem “conscientemente criadas” [Jonas, 2015, p.34].

A partir de então, “o poder da ciência e da técnica tornou-se autônomo, enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse” [Jonas, p.237]. O poder humano foi muito além da capacidade de prever suas consequências:

Jonas a partir dessa perspectiva chama de “programa beconiano” a ideia que os saberes estão voltados a dominar a natureza e para a utilização da vontade do ser humano e a isso ele chama a atenção para uma dimensão temporal da intervenção humana sobre a natureza que envolve não só os impactos de longo prazo da emissão de gases de efeito estufa, mas dinâmicas ecossistêmicas desencadeadas pela ação social sobre as quais a noção tradicional de responsabilidade não se aplica [Abramovay, 2016, p.169].

“Toda ética tradicional contava somente com um comportamento não cumulativo” [Jonas], e assim continua Abramovay:

A Revolução Científica do século XVII transforma a natureza em objeto de conhecimento, em passividade sobre a qual será exercida a atividade cognitiva e transformadora humana. A natureza se torna exterior à consciência. Corpo e alma, matéria e espírito, sociedade e natureza são as formas mais notáveis do dualismo que se torna traço dominante da cultura moderna [Abramovay, 2016, p.170].

O homem se torna aquele que apenas faz, um homem técnico, um ser dotado de racionalidade que o faz estar acima da natureza e a domina, tornando-a objeto em suas mãos. Essa técnica se estabelece no entusiasmo de um progresso evolutivo sem precedentes, causando consequências danosas a natureza e a si mesmo.

Nesse contexto de submissão da natureza ao homem, nascem os dualismos entre “ser e dever, causa e finalidade, natureza e valor” [Jonas, 2006, p. 22].

Para o autor, as antigas éticas estavam voltadas ao relacionamento intra-humano, ou seja, a ação do ser humano para com outro ser humano, era totalmente antropocêntrica, tinham uma total circunstância da ação do aqui e do agora, sem se preocupar com uma relação extra-humana, porque não tinham valores éticos voltados para a relação do homem com a natureza, por exemplo.

As relações éticas e morais da filosofia moderna são restritas as pessoas norteadas pelo imperativo kantiano que diz: “Age apenas de acordo com uma máxima que possas, ao mes-



mo tempo, querer que se torne uma lei universal". É uma lei totalmente restrita aos subjetivismos e limitava, cada vez mais, as relações entre o ser humano e a natureza [Oliveira, 2014].

É por isso que a civilização tecnológica exige uma nova ética em que a natureza seja tratada não como objeto pronto a receber a intervenção social, mas como sujeito da condição básica da existência social, isto é, da própria vida.

Jonas [2006] faz uma crítica a técnica que, segundo ele, é uma ambição de progresso, em sentido de apenas dominar a natureza, e que se torna a meta de todas as ações do homem. De acordo com os autores Oliveira e Borges [2008, p. 51]:

Trata-se portanto, não de uma crítica à técnica em si, mas ao esquecimento niilista de seu sentido, à negação de sua finalidade básica, que deveria ser o bem da humanidade como um todo e a manutenção das possibilidades de sua continuada existência.

Com essa forma modificada de agir, o ser humano acaba causando uma série de fenômenos ambientais e sociais que degradam a natureza e os valores que garantem a vida, porque nem todos têm acesso aos benefícios de tais progressos tecnológicos.

1.2. A heurística do temor

Segundo Oliveira [2014], esse é um dos conceitos considerados polêmicos para sustentar sua ética, é a preferência de um método de prognósticos ruins sobre o possível fim. É um método que se é estabelecido por Jonas [2006] para as consequências das ações do ser huma-

no com relação a natureza, uma abordagem hipotética dos rumos do possível fim da humanidade, esse método é usado para a mudança dessa realidade de crise da ética, causada pela técnica e essencial para o surgimento da ética da responsabilidade.

Como advertência, esse prognóstico tem efeito prático, para reparar um mal desenfreado causado pela técnica moderna. Reconhecer os riscos e as ameaças, segundo o autor, faz-se adotar a heurística como um conhecimento do mal e, assim, causando a possibilidade de uma mudança de atitudes e comportamentos no presente.

O princípio responsabilidade, ao inserir o conceito de heurística do temor, propõe uma regra crucial para lidar-se com a incerteza, isto é, na dúvida é melhor ouvir o pior prognóstico, pois as apostas se tornaram fortemente elevadas para esse jogo [Jonas, 2006, p. 251].

O autor sustenta essa ideia partindo do que ele chama de "futurologia comparativa", que é a capacidade de previsão do futuro a longo prazo. Isso seria "o primeiro novo valor a ser exercitado hoje para o mundo de amanhã" [Oliveira, 2014, p. 128].

A ética da responsabilidade passa a se apoiar, portanto, nesta futurologia, porque passa a detectar uma mudança nas emergências que geram valores e identificam nos novos tempos tecnológicos a urgência de um novo valor, o valor da previsão.

Ao contrário da ética tradicional, que pauta e prova seus argumentos no âmbito dos princípios já conhecidos, a ética



da responsabilidade descobre princípios ainda não conhecidos, mas urgentes e necessários. O resultado não é um princípio apodítico, mas heurístico. Não evidente, mas provável. Não definitivo, mas experimental [Oliveira, 2014, p. 131].

A heurística do temor nunca foi tão atual, nem tão urgente para a formulação de uma ética para a civilização tecnológica. Em inúmeras formas de intervenção humana, derivadas da ciência e da tecnologia, o que está em jogo não é a incerteza [que está na base do princípio da precaução], mas as bases éticas da tomada de decisão e de uma reeducação do homem do presente.

Além desta heurística ser um conteúdo teórico, é também carregada de pretensão a aplicação prática, com a finalidade de provocar mudanças no modo de agir do ser humano [Oliveira, 2014]. Aí está a fonte de sua ética, o procedimento heurístico de temor. Para Jonas [2006], temor é elemento condicionado a sobrevivência e autenticidade da vida humana.

O que Jonas nos apresenta é uma mobilização do dever ético de responsabilidade diante do perigo ou até mesmo da ameaça representada pela magnitude e pela ambivalência da técnica moderna. O temor passa a ser próprio da ética da responsabilidade, porque sem essa ideia do temor a nova ética não seria possível.

Então com a ideia de heurística do temor, o que Jonas pretende com sua ética é que haja uma consulta aos receios, antes do que os desejos, pois “podemos muito bem viver sem o bem supremo, mas não em companhia do mal supremo” [PINSART, 2002, p. 174].

As realidades catastróficas que o ser humano baseado na técnica pode causar e partindo desse temor que os procedimentos da técnica passaram dos seus devidos limites, faz-se necessário o surgimento de uma nova ética, que abranja todos os âmbitos, principalmente em um eu seja coletivo e para a garantia de vida autêntica para o futuro.

1.3. Ética da responsabilidade: uma ética do futuro

A nova ética proposta por Jonas [2006] pretende recriar a aliança entre o ser humano e a natureza em geral. A partir dessa premissa, Jonas [2006] reformula o imperativo kantiano para esses termos: “age de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” [Jonas, 2006, p. 47]. Uma ética de dupla responsabilidade: proteger a natureza e, assim, garantir vida para as futuras gerações.

Esse preceito contesta o dualismo metafísico em que se apoia a Filosofia e, mais que isso, a cultura ocidental. O ser da natureza não se afasta do dever ético de sua preservação. Com isso, a natureza deixa de ser apenas um conjunto objetivo de fatos e circunstâncias, mas torna-se um valor capaz de propiciar sentido, significado à própria ação humana.

A nova ética proposta por Jonas é uma “ética da simultaneidade” [Jonas, 2006, p. 45], pois considerava que as atitudes feitas hoje devem levar em conta o presente e o futuro da humanidade.

Os efeitos finais para a continuidade da atividade humana no futuro precisam estar na pauta atual, seja individual, seja



coletivamente. Ou seja, a preocupação com o futuro não pode ser uma simples hipótese, pois deve tornar-se uma questão “produtiva” no sentido de gerar ações que objetivem a preservá-lo, ou possuindo a característica de universalidade na medida real de sua eficácia [Jonas, 2006, p. 49].

A respeito do que o autor afirma ser o novo valor dado a natureza, também é o mesmo valor que se dá ao ser humano por ser responsável por sua sustentabilidade. Sobre isso Oliveira [2014, p. 142] comenta: “Dadas as formas de valores que formam o horizonte da vida, o ser humano deve ser reconhecido, a um tempo, como o sujeito mais carregado de responsabilidade e o objeto mais respeitável”.

Para Jonas [2006], o essencial de sua ética é a manutenção da vida enquanto tal. O sim constante a vida para si mesma diante de riscos, para a ética é uma demonstração de valor.

Como existe finalidade da vida, então, é preciso reconhecer que existe também um bem-fim e bem que se manifestam conjuntamente no horizonte da vida. Afirmar a vida e buscar sua preservação é uma prova de que, para o organismo vivo, a vida é bem em si mesmo. É assim que para Jonas a vida tem um grau ontológico [Oliveira, 2014].

Essa nova ética passa também a pensar na futura integridade do ser humano que se traduz em imperativos coletivos e não apenas individuais, nos antigos imperativos éticos, como o kantiano, não haviam pensado nesta manutenção da vida humana para o futuro; eis a nova proposta de ética trazida por Jonas.

Para a constituição desta ética, o dever ser do futuro passa a ser constituído em um dever ser do presente, porque “é no agora que se constroem as possibilidades de que no futuro haja uma humanidade autêntica.” [Oliveira, 2014, p. 147]. O referencial primeiro desta nova ética passa a ser o futuro.

O que caracteriza o imperativo de Jonas é a sua orientação para o futuro, mais precisamente para um futuro que ultrapassa o horizonte fechado, no interior do qual o agente transformador pode reparar danos causados por ele ou sofrer a pena por eventuais delitos que ele tenha feito [Siqueira, 1998, p. 81].

Em todo o caso, somos totalmente responsáveis por nossas ações em relação a vida, não somente por atos do passado, mas também no presente e das consequências para o futuro. A responsabilidade acaba por mostrar o caráter ético de cada pessoa. O que Jonas [2006] propõe com essa nova ética não é uma criação de normas e obrigações para as ações do ser humano, mas garantir-lhe a autenticidade de liberdade para as suas escolhas, pois a “possibilidade de que haja responsabilidade é a responsabilidade que precede a tudo” [Jonas, 2006, p. 174].

O homem que se transformou pelo poder da técnica e passou a ameaçar seu meio ambiente, para repensar os cenários de catástrofes, a heurística do temor passa a ser aprendizagem da responsabilidade e olhar a possibilidade de futuro, transformando suas ações no presente, porque nestas realidades de catástrofes faz surgir esta nova ética da responsabilidade para a garantia de vida autêntica sobre a terra.



2. Ecologia Integral

2.1. As ecologias 'rasa' e 'profunda':

Bases para uma Ecologia Integral

A Ecologia Integral surge também neste contexto de preocupação com os rumos que o planeta está tomando, devido aos abusos da técnica que destroem de muitas formas a natureza, visando o lucro. No meio deste cenário, os conceitos de ética da responsabilidade e de Ecologia Integral visam repensar as formas de como o ser humano se relaciona com a natureza, para evitar o seu próprio fim. Hoje, existe uma grande preocupação com o planeta, pois a crise atual é socioambiental e, a partir de uma reflexão da mesma, possamos elaborar meios para superá-la juntamente com esses conceitos a serem apresentados.

A Ecologia é uma área da Biologia que estuda as relações entre os organismos vivos no seu meio ambiente [Diana, 2016]. Mas esse estudo é feito de uma forma fragmentada, distinta e dividida em áreas para seus conhecimentos. Segundo Alves [2015], essa concepção de ecologia surge para defender o ideal capitalista que defende o ser humano como superior a natureza e, assim, a domine, tornando-a um instrumento para se retirar seus recursos naturais de forma exploratória, o que é chamado de ecologia rasa. Diferente é a ecologia profunda que é a base da Ecologia Integral do Papa Francisco, que busca sustentar um valor próprio da natureza na relação com o ser humano.

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ele vê os seres humanos como situados acima ou fora da

natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de 'uso', à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo, não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida [Capra, 2006, p. 16].

O conceito de ecologia profunda sustenta que a natureza tem seu valor e dignidade a serem respeitados e preservados [Alves, 2015] e que muitos dos elementos que compõem este planeta estão sempre relacionados entre si. Por isso, uma ecologia profunda e integral não poderá ser estudada e compreendida de forma fragmentada [Francisco, 2015].

2.2. Ecologia Integral na Encíclica Laudato Si'

A carta encíclica Laudato Si', de Papa Francisco, como diz Muriel [2016, p. 89], "é uma releitura do cântico das criaturas de Francisco de Assis, é, ademais, um grito de auxílio do Papa Francisco em nome da Igreja, um grito a Deus e ao homem pós-moderno a que cuide, proteja e faça um bom uso dos recursos da Mãe Terra". Neste documento, o Sumo Pontífice lança as bases da Ecologia Integral que sustenta que tudo está interligado no mundo.

O conceito de Ecologia é qualificado de integral, isto é, "tudo está intimamente relacionado. Por isso, os problemas também reque-



rem que se leve em conta todos os aspectos da crise mundial” [Francisco, 2015, p. 113]. O ser humano, como parte da natureza, também é como um administrador da Casa Comum que, hoje, vive uma grande crise socioambiental, causada pelo pensamento antropocêntrico e pelas práticas da ecologia rasa que distanciaram o ser humano da natureza. Compreender a Ecologia Integral é procurar construir uma ética sustentável para uma boa relação do ser humano com a natureza e assim superar a atual crise [Alves, 2015.]

A Ecologia Integral, na Laudato Si’ do Papa Francisco, destaca-se desses demais conceitos de Ecologia por incluir em suas reflexões essas dimensões como: ambiental, econômico/social, cultural e da vida quotidiana. O meio ambiente implica a relação entre a natureza, seus ecossistemas e a sociedade. Há uma interação entre os ecossistemas e os diferentes mundos sociais, pois quando se fala em “meio ambiente, faz-se referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e sociedade que a habita” [Francisco, 2015, p.114].

Sabe-se que há, atualmente, uma grande crise socioambiental, causada pela degradação natural por conta de uma economia predatória e consumista que ocasiona inúmeras desigualdades, porque os benefí-

cios do crescimento econômico alcançam uma única parcela da sociedade. “As razões pelas quais um lugar se contamina exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade” [Francisco, 2015, p. 114]. Esses problemas econômicos e sociais exigem a busca de soluções integrais para que beneficiem todos os sistemas naturais e

sociais. “É necessária uma ecologia econômica, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla” [Francisco, 2015, p. 116].

Se tudo está inteiramente interligado, um cuidado com a natureza recai sobre um cuidado também para com o patrimônio histórico e cultural, pois, trata-se de uma ecologia cultural que “faz parte da identidade

comum de um lugar, servindo de base para construir uma cidade habitável”, assim, assume-se a “a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dos atores sociais e locais a partir de sua própria cultura” [Francisco, 2015, p. 119].

Essa concepção também parte da dimensão da vida quotidiana, conforme diz Francisco [2015, p. 121-122]:

da qualidade da vida humana, o espaço onde as pessoas transcorrem a sua exis-



**“o poder da ciência e da técnica tornou-se autônomo, enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse”
(Jonas, p.237)**



tência, pois os ambientes onde vivemos influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir: Em nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro, usamos o ambiente para exprimir a nossa identidade. Essa dimensão nos ajuda a organizar o meio ambiente que quando este aparece desordenado, caótico ou cheio de poluição visual e acústica, o excesso de estímulos põe à prova as nossas tentativas de desenvolver uma identidade integrada e feliz. Modificando os efeitos adversos dos condicionamentos e aprendendo a orientar a sua existência no meio da desordem e precariedade.

Bavaresco [2016, p. 31-32], ao falar dessas quatro dimensões que compõem a Encíclica *Laudato Si'* e a Ecologia Integral, afirma o seguinte:

[...] ecologia integral parte, primeiramente da ideia do todo da natureza que articula as partes do meio ambiente, ecossistemas e povos; depois, evoca-se o princípio do cotidiano da ecologia humana no viver imediato do dia-a-dia, sentir e agir das organizações familiares, comunitárias e sociedades; [...] princípio intergeracional enuncia a contradição entre a lógica da gratuidade e a lógica utilitarista, que encontra a superação no conceito de desenvolvimento sustentável e solidário entre as presentes e futuras gerações. Subjaz a estes quatro princípios um desafio ético para as relações internacionais, a política, a economia, as religiões, as ciências e os movimentos ecológicos.

Com a concepção de Ecologia Integral, pretende-se criar também uma ideia de “bem comum” como uma relação ética e moral com a natureza, pois “a ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificadora ética social” [Francisco, 2015, p. 127]. Promover o respeito da dignidade da vida de cada ser humano é uma das funções fundamentais para sua garantia de vida e desenvolvimento integral, aplicando o princípio de subsidiariedade, envolvendo “toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum” [Francisco, 2015, p. 128].

Nesse caso, faz-se necessário a criação e ampliação de políticas que promovam esse ideal de “bem comum” e que supere as desigualdades e a “cultura do descartável” causadas pela economia consumista, porque, hoje, muitos seres humanos se encontram privados dos seus direitos básicos e clamam por solidariedade e por políticas que os atendam, “uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra”, mas “[...] exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé” [Francisco, 2015, p. 128-129]. Esse ideal de “bem comum” também deve levar em consideração as futuras gerações, porque essa “terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir” [Francisco, 2015, p. 129]. Tudo que fizermos e deixarmos trará efeitos a todos que virão depois de nós.



Neste documento se destacam linhas de ação face aos cenários de degradação ambiental e do ser humano e o diagnóstico dos problemas e causas da destruição do planeta. As orientações éticas são interdisciplinares pois englobam desde as relações internacionais e nacionais, passando pela política e economia até o diálogo entre religiões e ciências [Bavaresco, 2016, p. 32].

Vemos que, nesta encíclica, a Ecologia Integral procura salvaguardar e garantir os direitos naturais, ambientais e também do ser humano, partindo da ideia que tudo está inteiramente interligado, superando a atual crise e garantindo a vida com práticas e hábitos sustentáveis, principalmente aos mais pobres. O Papa Francisco destaca que, para isso se concretizar, faz-se necessário uma conversão ecológica, ou seja, uma mudança no atual modelo de desenvolvimento global, uma mudança radical de rumos:

[...] que o Papa Francisco situa a noção de conversão ecológica no contexto mais amplo da imprescindível conversão integral. O pressuposto é que alguém só alcançará uma conversão integral na medida em que se fizer capaz de transcender noções de conversão ainda muito mais presas as situações existenciais e intersubjetivas e quem sabe até sociais, mas não sensíveis ainda à dimensão ecológica da vida quotidiana [Tavares, 2016, p. 75].

A Ecologia Integral evoca a responsabilidade do ser humano com seu meio ambiente

em uma relação recíproca, esta “responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo” [Francisco, 2015 p. 56].

A encíclica *Laudato Si'*, com sua proposta de Ecologia Integral, busca resgatar o olhar do ser humano para com a Mãe Terra, com todos os seus ecossistemas e a vivermos de forma comum, sendo que “ecologia é a ciência e a arte das relações entre os seres relacionados” [Boff, 1982, p. 23]. Todos estamos envolvidos neste sistema para mantermos a vida em relação com a natureza em perfeito equilíbrio, hoje e para as gerações futuras.

3. Preservação Ambiental na Amazônia e questões Éticas

3.1. Amazônia:

o cenário de uma crise ambiental

A Amazônia é um dos Biomas mais ricos e essenciais para o equilíbrio e a manutenção da vida na terra. Hoje, vem sofrendo uma enorme devastação, movida pela cobiça do sistema capitalista que extrai seus recursos naturais de forma irracional, desmata e queima para manter sua estabilidade econômica na região como criação de pastos e lavouras [Nobre, 2013].

Essa realidade de devastação da Amazônia cria uma grande crise ética de como lidar com a natureza, uma crise ecológica e uma crise do capitalismo. O crescimento econômico, gerado por uma compulsão de consumo, é causador



de grandes desigualdades e se torna uma ilusão, porque reduz os recursos naturais para as necessidades humanas e esses aspectos econômicos geram consequências dramáticas para a humanidade e toda à vida no planeta [CASTRO, 2019].

A Amazônia é mais vista por suas dimensões espaciais e como um território a ser explorado, o que gera ainda um grande desafio que é a construção de grandes projetos de desenvolvimento econômico, como por exemplo: o Polo Industrial de Manaus, as Hidrelétricas e as demais construções tecnológicas que desafiam a sustentabilidade desta região.

A construção desses grandes projetos tecnológicos que visam “crescimento” da região são um reflexo da ambição por um progresso sem limites que leva o ser humano a querer apenas dominar e extrair os recursos naturais e degradar seu meio ambiente em resposta a necessidade do capitalismo. “Uma técnica, portanto, que esquece e nega seus princípios e se estabelece num entusiasmo cego com seu próprio desenrolar pretensamente evolutivo” [Oliveira; Borges, 2008, p. 51].

3.2. Clamores e construção de uma vida sustentável

Seguindo a ideia de que, atualmente, o ser humano não exerce uma relação integral com a natureza, os atuais desafios éticos-ecológicos podem ser superados com um novo modelo de economia política e coletiva. Para haver um cuidado com a vida e com o planeta Terra, deve-se superar a instrumentalização e manipulação dos recursos naturais. Para superar esta crise atual, faz-se necessário ter uma

ideia clara de ética. “Ética é um conjunto de valores e princípios, de inspirações e indicações que valem para todos, pois estão ancorados na nossa própria humanidade. Ela responde à pergunta: Que significa agir humanamente?” [Boff, 2011, p. 9-11]. Esse agir humanamente é conviver harmonicamente com o outro, com a natureza e com a vida:

[...] cresce a consciência de que temos somente o planeta Terra como pátria comum, na qual podemos viver. Tanto ele quanto o sistema de vida estão ameaçados pelo princípio de autodestruição. Garantir o futuro da Terra e da humanidade constitui a grande centralidade[...] é imperativo uma ética do cuidado a ser vivida em todas as instâncias [Boff, 1999, p. 93].

Para ser sustentada essa ética, que englobe toda a humanidade em defesa da vida futura na terra, faz-se necessário uma reeducação do ser humano para se relacionar com a natureza [Boff, 1999]. Esse processo se dará a partir da compreensão dos termos sustentabilidade e “bem viver”.

O conceito de sustentabilidade tem tomado bastante ênfase em debates sobre os efeitos da intervenção que causam a atual crise ambiental. Neste sentido, é importante o uso deste termo para a construção de ações concretas que visem a melhor relação do homem com a natureza, principalmente na Amazônia [Castro, 2019].

Sustentabilidade representa os procedimentos que se tomam para permitir que um bioma se mantenha vivo, protegido, alimentado de nutrientes a pon-



to de sempre se conservar bem e estar sempre à altura dos riscos que possam advir. Esta diligência implica que o bioma tenha condições não apenas de conservar-se assim como é, mas também que possa prosperar, fortalecer-se e coevoluir [Boff, 2012, p. 32].

Este termo tem muito a contribuir com a ideia de conservar e garantir a vida, a partir de hoje, para as futuras gerações, pois é manter os biomas, principalmente o Amazônico, com suas características de se sustentarem e se manterem em tempos que correm riscos, ou seja, manter firme o ciclo da vida.

Sustentabilidade é atender as necessidades do meio ambiente que se encontra devastado no presente, para não se comprometer os ecossistemas e não se perderem por completo fauna e flora. A sustentabilidade ajuda a reatar as relações do ser humano com a natureza, de forma que não se explore mais os recursos naturais e sim que se mantenha sua capacidade de sustentação de recursos, hoje e para o futuro.

3.3. O “bem viver” dos povos indígenas o qual devemos aprender

Quem entende, vive e pode nos ensinar a ter uma boa relação ecológica e sustentável com o mundo, e especial com a Amazônia, são os povos indígenas, pois: “Na natureza encontram a afirmação de sua identidade étnica e seus etnoconhecimentos” [Razera; Boccardo; Pereira, 2006, p. 40]. A sustentabilidade, para os indígenas, está diretamente vinculada a sua sobrevivência.

Nas sociedades indígenas, a lógica das relações éticas se engloba em harmonia e equilí-

brio com o todo, o cosmos, a natureza e o outro. Essa relação é o “Bem Viver”. Ter essa visão de que a natureza é algo fundamental para se garantir a vida de modo sustentável na Amazônia e no mundo, hoje e para o futuro, é a prática ética do “Bem Viver”.

Viver bem é sair da dicotomia entre ser humano e natureza. É despertar para uma consciência de que somos filhos da Mãe Terra[...], e tomar consciência de que somos parte dela, de que dela viemos e com ela nos completamos [Arkonada, 2010, p. 12].

A sustentabilidade e o “Bem Viver” dos povos indígenas são conceitos que ajudam a elaborar os princípios éticos para uma vida sustentável na Amazônia. Segundo Vieira, Kalhil e Ruiz [2012, p. 59-68], as comunidades indígenas, além de buscarem alternativa rentável por meio de práticas sustentáveis, como o artesanato, passam valores às futuras gerações sobre sustentabilidade e manutenção do seu habitat.

Para Castro [2007], nas sociedades indígenas, a natureza é compreendida com sentido global, tudo é natureza, incluindo o ser humano, ou seja, todos se encontram no mesmo patamar de elementos da flora e da fauna, vivendo de uma forma integral com a natureza.

Os desafios de elaborar esses conceitos éticos, na sociedade hodierna, são muito grandes, porém os esforços das inúmeras instituições sociais buscam por reeducar a humanidade para voltarem a se relacionar bem com a natureza, por meio de uma ética sustentável que se torna responsabilidade para todos, que aprendendo com a cosmovi-



são e as ações rentáveis dos povos indígenas nativos, garantir-se-á vida para a Amazônia e para todo o planeta, porque não se é correto eticamente viver destruindo e se distanciando da natureza [Boff, 2012]. Assim, vemos que é “cada vez mais evidente que a consciência do cuidado com o meio ambiente é muito importante para o equilíbrio do planeta e vital para a defesa e a promoção da vida sobre a mesma” [Silva et al., 2019, p. 216].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi proposto nesta pesquisa, e ao longo dela, foi-se refletindo a atual situação da nossa Amazônia, como ela vem sofrendo com depredação e invasão, em vista de sustentar um sistema desigual que desrespeita a natureza e os povos originários.

Refletimos, juntamente com Hans Jonas [2006], como os avanços da tecnologia e o poder fizeram com que o ser humano se tornasse um ser supremo, pelo seu pensamento antropocêntrico, restando distante da natureza, e isso se tornou cultural, estrutural e ético. As relações eram feitas de homens para homens, de seres “racionalis” em espaços construídos para seu habitat.

O seres humanos das cidades, por se considerarem donos do conhecimento racional, achavam que detinham todo o poder para, dessa forma, menosprezar a natureza e os seres que nela habitavam, e, assim, ampliarem seus espaços e crescer economicamente.

O que procuramos destacar, com os conceitos aqui apresentados, é a demonstração de que a natureza tem seu valor. A ética da responsabilidade surge, assim, para chamar atenção

para um possível fim e, dessa forma, mudar os hábitos de relação do homem com a natureza, reconhecendo e constituindo normas e leis morais para essa relação.

Muitas instituições discutem e pensam ações que retomem essa relação do homem com o meio ambiente. Ultimamente, a Igreja Católica, com seu líder maior, o Papa Francisco, vem propondo soluções de meios e práticas sustentáveis para recuperarmos a saúde da Mãe Terra e, assim, construir uma ética do bem viver, com a Ecologia Integral. O Pontífice propõe que tudo deva estar interligado, somos responsáveis pela Casa Comum e com a vida e a natureza, e propõe também que políticas e economias sejam elaboradas de forma integral, levando em conta todos e assim poder superar essa atual crise socioambiental.

Essa situação de crise é bastante pertinente e requer também um olhar filosófico que seja capaz de ajudar, para compor bases éticas para reestabelecer as relações do ser humano com a natureza, de compreender e adotar práticas sustentáveis, para a manutenção, garantia e equilíbrio de vida de muitas espécies, pois: “Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre” [Francisco, 2015, p 28]. Tudo isso dependerá de nós, de tomarmos a consciência de que a forma que hoje vemos e tratamos a natureza tem que ser modificada, para mudar essa realidade de crise e garantirmos um bem viver em nossa “Casa Comum”.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **A heurística do medo, muito além da precaução.** Estudos Avançados. Instituto de Energia e Ambiente, Universidade de São Paulo. 2016.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Encíclica Laudato Si: Ecologia Integral, gênero e ecologia profunda.** Dossiê: Relações de Gênero e Religião. Horizonte, PUC Minas, v. 13, n. 39, Belo Horizonte, 2015, p. 1315-1344.

ARKONADA, Katu. **Descolonização e Viver Bem são intrinsecamente ligados.** Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 340. Ed., 2010, p. 11-14.

BAVARESCO, Agemir. **Leituras Filosóficas da Laudato Si. Teocomunicação.** Laudato Si' e Dignidade da Vida, v. 46, n. 1, Porto Alegre, 2016, p. 24-38.

BOFF, Leonardo. **Ética da Vida.** Brasília: Letraviva, 1999.

_____. **Sustentabilidade.** Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Ética e Espiritualidade.** Petrópolis: Vozes, 2011.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento.** Revista Mana, v. 12, n. 2, Rio de Janeiro, 2007, p. 115-144.

CASTRO, Ricardo Gonçalves. **Ecoética Amazônica – O bem viver e o Princípio Responsabilidade de Hans Jonas.** Editora CRV. Curitiba, 2019.

DIANA, Juliana. **O que é Ecologia.** Toda Matéria, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-ecologia/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MURIEL, Fernando Antônio Zapata. **Laudato sí... uma bioética por el cuidado de la casa común: una mediación entre la ecología y la ecotología. Producción + Limpia.** Julio - Diciembre de 2016. Vol.11, No. 2 - 87•101.

NOBRE, Gabriella Machado. **Preservação da floresta Amazônica: primeiras reflexões.** 2013. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1457/>. Acesso em 08 out. 2020.

OLIVEIRA, Jelson. **Comprender Hans Jonas.** Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Jelson; BORGES, Wilton. **Ética de Gaia. Ensaio de Ética socioambiental.** São Paulo: Paulus, 2008.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato si'.** Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

PINSART, M. **Jonas et la Liberté: dimensions théologiques, ontologiques, éthiques et politiques.** Paris: J. Vrin, 2002.



RAZERA, Júlio Cesar C. C.; BOCCARDO, Lilian; PEREIRA, Jussara Paula R. **Percepções sobre a fauna e a flora em estudantes indígenas de uma tribo Tupinambá no Brasil: um caso de etnozootologia.** Revista Eletrônica de Ensino de las Ciências, v. 5, n. 3, 2006, p. 466-480.

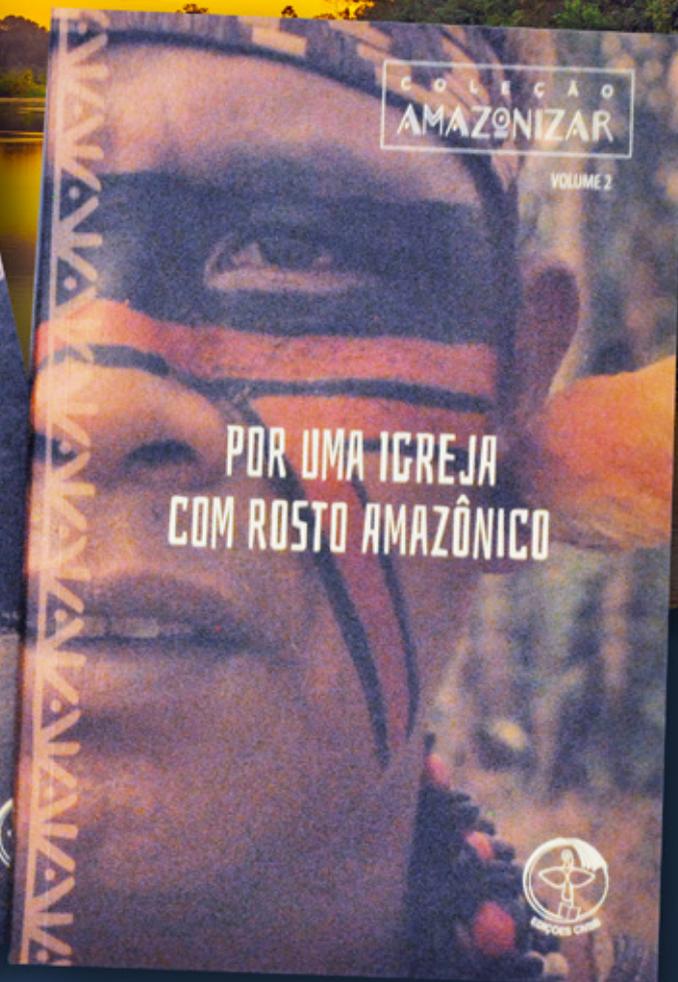
SILVA, Clemenson Pinheiro da; MOTTA, Clysmem Néltém de Souza; SAMPAIO, Jardson da Silva; RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. **Reciclagem: Benefícios ao meio ambiente e às pessoas na área central de Manaus- AM. Investigações Filosóficas em chão Amazônico.** Reflexão e Prática, Manaus, 2019, p. 216-221.

SIQUEIRA, José Eduardo. **Ética e tecnociência: uma abordagem segundo o princípio da responsabilidade de Hans Jonas.** Londrina: Editora UEL – Universidade Estadual de Londrina, 1998.

TAVARES, Sinivaldo S. **Evangelho da Criação e Ecologia Integral: uma primeira recepção da Laudato Si.** Perspectiva Teológica, v. 48, n. 1, 2016, p. 59-80.

VIEIRA, Francisco C. Brito; KALHIL, Josefina B.; RUIZ, M^a. Auxiliadora. **Percepção ambiental: Contribuições e práticas indígenas para o ensino de ciências no baixo Rio Negro.** Revista Científica ANAP Brasil, jul. 2012, p. 59-68.

COLEÇÃO AMAZONIZAR



Está Disponível

Acesse o **QR Code**
e adquira a sua!

